

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOANA HAAR KARAM

MÚSICA E SAÚDE NA ESCOLA

São Leopoldo  
2011

JOANA HAAR KARAM

MÚSICA E SAÚDE NA ESCOLA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Educação

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2011



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar as possibilidades que a música oferece para promover a saúde e o equilíbrio das relações sociais no ambiente escolar. A pesquisa inicia com a conceituação de música e de musicoterapia, bem como indicando suas aplicações. A seguir, as dificuldades enfrentadas pela escola no século XXI são abordadas, para em seguida serem apresentadas contribuições da música e da musicoterapia, que podem modificar esse cenário, trazendo o equilíbrio e estímulo da espiritualidade através do fazer musical. Por fim, a partir da nova legislação, que torna obrigatório o ensino de música em todos os níveis da educação básica, está uma proposta curricular que inclui aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, visando a formação integral e continuada dos estudantes.

Palavras chave: música, musicoterapia, educação, saúde e espiritualidade.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to present the possibilities that the music offers to promote health and balance of social relations in a school environment. The research begins with the concepts` definition of music and music therapy, pointing their applications. Next, the difficulties faced by the school in the XXI century are discussed, then the contributions of music and music therapy, in order to change this scenario, are presented, showing the balance and stimulus of spirituality through the music. Finally, supported by the new legislation, that makes compulsory teaching of music at all levels of basic education, this is a new curricular propose that includes knowledge and skills development, aiming the full e continuing training of the students.

Keywords: music, music therapy, education, health and spirituality.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. MÚSICA PARA OS SERES HUMANOS	9
1.1. Música: a ferramenta em favor da saúde para os seres humanos	9
1.2. Musicoterapia: Como surgiu e para que serve?	13
2. ANÁLISE DO CENÁRIO DA ESCOLA: PROBLEMAS ESCOLARES NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO 21	17
2.1. Violência escolar	22
2.2. A falta de limites por parte da família	24
3. CONTRIBUIÇÕES DE MÚSICA E MUSICOTERAPIA NA ESCOLA	27
3.1. Educação para o cuidado: musicoterapia preventiva	29
3.2. Educação para a ação: musicoterapia estimuladora	33
3.3. Educação para a sensibilidade: musicoterapia e as áreas de expressão	36
3.4. Educação para a solidariedade: musicoterapia e relacionamento	39
4. MÚSICA, SENSIBILIDADE E ESPIRITUALIDADE: APONTAMENTOS PARA UM CURRÍCULO MUSICAL	46
4.1. A música como fonte de organização, criatividade e espiritualidade dos sujeitos	46
4.2. Música se torna obrigatória na escola: pontos positivos e negativos	54
4.3. Proposta de currículo musical para escolas	57
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	63

## INTRODUÇÃO

A musicoterapia é a ciência que trata da busca da saúde dos seres humanos através da música. A música é a fonte do tratamento e quando bem utilizada pode trazer inúmeros benefícios à vida das pessoas.

A saúde mental é tão importante quanto a saúde física das pessoas, porém nos dias de hoje, é um desafio conciliar as duas. Quando podemos proporcionar no ambiente escolar a oportunidade de integrar, além do conhecimento, a saúde física e psíquica de alunos e alunas, professores e professoras, funcionários e funcionárias assumimos o compromisso de contribuir com a qualidade de vida de cada um. Nos problemas do dia-a-dia relacionados a desentendimentos, questões familiares, dificuldades financeiras, timidez, cansaço, estresse, cobrança, é imprescindível investir em recursos que visam melhorar e deixar mais “leve” as rotinas escolares. Neste contexto, aparecem os musicoterapeutas que, além de terem o conhecimento e a técnica da área da música, possuem preparação para lidar com conflitos e adquirem, em sua formação, a habilidade de “olhar para o outro” e nele ver um ser humano no todo, com sentimentos, medos, dores, inseguranças, mas também com uma infinidade de qualidades e de possibilidades de mudanças positivas de comportamento.

O trabalho “Música e Saúde na Escola” partiu da curiosidade de compreender os benefícios que a música pode proporcionar ao ambiente escolar, contando com minha experiência como musicoterapeuta e docente, ao lado de diferentes fontes bibliográficas que contextualizam as realidades escolares, seguindo as linhas da pedagogia, da psicologia, da musicoterapia, da espiritualidade e da educação.

No primeiro capítulo apresento as definições de música e musicoterapia, indicando algumas das suas aplicações.

A seguir, as dificuldades enfrentadas pela escola no século XXI são abordadas, no sentido de informar ao leitor que há problemas graves como a falta de informação sobre as formas de agregar a todos da comunidade escolar formando uma unidade sem discriminação. A violência realizada através da insatisfação dos discentes e os problemas atuais como *bullying* são explicados para que se tenha o conhecimento de como a escola deve reagir frente a este tipo de discriminação.

Na seqüência são apresentadas as contribuições da música e da musicoterapia, no sentido de poder modificar o cenário, trazendo o equilíbrio e estímulo da espiritualidade através do fazer musical.

Por fim, a partir da nova legislação, que torna obrigatório o ensino de música em todos os níveis da educação básica, está uma proposta curricular que inclui aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, visando a formação integral e continuada dos estudantes.

Espero que com esta pesquisa seja possível mostrar a importância da música como um poderoso instrumento que oportunize a comunidade escolar ao convívio social, a aprendizagem musical e ao enriquecimento do espírito.

## 1. MÚSICA PARA OS SERES HUMANOS

### 1.1. Música: a ferramenta em favor da saúde para os seres humanos

No princípio, Deus Criou o céu e a terra.  
 Ao Primeiro dia, separou as luzes das trevas.  
 Ao Segundo dia, criou o firmamento dando-lhe o nome de céu.  
 Ao Terceiro dia, fez a terra germinar e criou as plantas e os seus frutos.  
 Ao Quarto dia, colocou no céu o sol, a lua e as estrelas.  
 Ao Quinto dia, povoou as águas de peixes e os céus de pássaros.  
 Ao Sexto dia, povoou a terra de animais de todas as espécies e Criou o homem à sua imagem e semelhança.  
 Ao Sétimo dia, descansou.<sup>1</sup>

Como é bom imaginar estas cenas com a beleza sonora que cada um destes elementos da natureza possui. Acredito, através da minha fé, que Deus Criou o Mundo pensando na sonoridade de cada um destes elementos, como o som dos bichos, das águas, das matas, entre outros. Sons altos ou baixos, graves ou agudos. Sons diferentes entre si, mas que trazem ao mesmo tempo diversidade e equilíbrio para a vida humana na Terra. Além desta criação Ele possibilitou aos seres humanos as linguagens, para que os seres vivos pudessem compreender e interagir com seus semelhantes e com a natureza. A linguagem exerce um papel fundamental na constituição de uma pessoa. É ela que torna o ser humano um sujeito e lhe dá oportunidade de interagir no mundo. O sujeito desenvolve a consciência e suas capacidades a partir das interações sociais.

A formação da linguagem tem a ver com a fonação e constituição dos seres. Para existir uma comunicação entre os seres humanos, é necessária uma linguagem articulada, a qual depende de alguns componentes, tais como:

- \*fonemas – elementos sonoros cujo encadeamento em uma ordem determinada forma os morfemas;
- \*morfemas – unidades lingüísticas mínimas que têm um sentido ou cuja combinação forma as palavras (nas linguagens gestuais, os equivalentes dos morfemas são os signos visuais-motores);
- \*sintaxe (gramática)– arranjo de palavras em frases segundo uma ordem que obedece regras precisas;
- \*semântica – sentido correspondente a cada elemento do léxico e a cada frase possível;
- \*prosódia – entonação vocal suscetível de modificar o sentido literal das palavras e frases;
- \*discurso – seqüência de frases que forma uma narração.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Bíblia Sagrada*: Versão pastoral. São Paulo: Paulus, 1990, p.14-15.

<sup>2</sup> DAMÁSIO, António; DAMÁSIO, Hanna. O cérebro e a linguagem. *Revista Viver Mente e Cérebro*. São Paulo: Duetto Editorial, ano XIII, n.143. p.42-49, 2004.

Portanto, a linguagem nos auxilia a estruturar o mundo em conceitos – formando a comunicação – e a reduzir a complexidade das figuras abstratas, a fim de apreendê-las.

Neste ponto observo a grande importância da música, pois além de ser uma forma de linguagem, representa a cultura das sociedades e influencia os seres nos âmbitos: físico, psíquico e espiritual.

A presença da música clássica (importante por ser uma música complexa) nos primeiros anos de vida da criança pode trazer resultados muito positivos aos seus sentidos e desenvolvimento em geral.

Nós expusemos estes animais [ratos], *in utero* e depois sessenta dias após o nascimento, a diferentes tipos de estimulação auditiva, e então os testamos em um labirinto espacial. E de fato, os animais que foram expostos a Mozart completaram o labirinto mais rápido e com menos erros. E agora, o que nós estamos fazendo é remover seus cérebros para que possamos fatiá-los e observar neuro-anatomicamente precisamente o que mudou, em função da exposição. Assim, pode ser que esta intensa exposição à música seja um tipo de enriquecimento que tenha efeitos similares sobre as áreas espaciais do hipocampo do cérebro.<sup>3</sup>

A música, em todos os tempos, foi reconhecida como um agente unificador e estimulador durante a atividade física. Verificou-se experimentalmente que a música diminui ou aumenta a energia muscular. Isto certamente justifica o uso da música em conexão com trabalho que requer movimentos sincronizados. Trabalhadores em muitas culturas cantavam, não somente como meio de aliviar a monotonia de seu labor, mas também por causa do efeito unificador exercido sobre eles. Hungen, reconhecendo que a música vigorosa aumenta o grau de pulsação e de respiração, afirma:

Ocorre, algumas vezes, que os jovens se esforçam mais – e por um período mais longo – na dança do que nas ocupações mais proveitosas e menos rítmicas. De modo semelhante, tem-se observado que uma banda em marcha faz com que os soldados se esqueçam de sua fadiga, pelo menos por algum tempo, permitindo-lhes marchar com renovado vigor.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> RAUSCHER, Frances. *Depoimento sobre o livro: O Efeito Mozart*. Disponível em:

<<http://www.skeptidic.com/brazil/mozart.html>>. Acesso em 26 fev. 2011.

<sup>4</sup> LENO, H. Lloyd. *Música – Seus Efeitos sobre o Homem*. Parte I. São Paulo: Revista Adventista, p.4, 1977.

Embora seja a música rítmica um auxílio na atividade, como datilografar, a música não exerce efeito positivo quanto à precisão ou exatidão do movimento, se o ritmo não for adaptado ao ritmo do trabalho.

Há pouca dúvida de que a música exerça forte apelo sobre praticamente todo o ser humano. Muito do que denominamos de irresistível na música, deve-se a nossa reação a este nível sensorial de atuação.

O trabalho de biomúsica está baseado na ritmo para associar os diferentes estados físicos, emocionais e racionais com os elementos da natureza e tem uma relação com nosso comportamento, tanto individual como social. Em qualquer encontro interpessoal se estimulam cinco áreas simultaneamente: física, emocional, afetiva, racional e social.<sup>5</sup>

Além da contribuição da música para o físico a música também estimula questões psicológicas no que diz respeito à mudança emocional. Segundo a teoria de Susan Langer a música é a arte que melhor pode expressar sentimentos e para isso apresenta as seguintes razões:

- a) A música é uma forma de linguagem simbólica.
- b) A música tem por objetivo expressar o mundo dos sentimentos e pode fazê-lo porque, por sua forma e estrutura, se parece à forma das emoções, de maneira que esta semelhança faz possível sua simbolização por parte da música (...).
- c) A música é uma forma simbólica inacabada(...). Isto permite ao ser humano ver projetados na música seus estados de ânimo.
- d) As formas dos sentimentos humanos são expressadas com maior congruência sob formas musicais do que na forma de linguagem. A música pode revelar a natureza do sentimento com mais detalhe e verdade que a linguagem.
- e) Possibilidade que a música possui de expressar coisas opostas simultaneamente.<sup>6</sup>

“[...] porque a música em sua essência é claramente uma forma simbólica” e além disso é um “símbolo inacabado”. Este fato se torna possível à medida que nos projetamos nela. A música é também “uma forma com significado”. Mas este significado não é objetivo, mas sempre subjetivo. [...] As palavras possuem um significado preciso perfeitamente delimitado e imóvel. Em compensação, o mundo dos sentimentos é sempre mutável, instável, impreciso, cheio de infinitas matizes. Por ele, a “verdade” dos sentimentos não pode ser confinada nas palavras; é mais rica e as supera. Os

<sup>5</sup> LOROÑO, Aitor. Biomúsica: el cambio y el equilibrio emocional a través de la música. In TORO, Mariano Betés de. *Fundamentos de Musicoterapia*. Madrid: Morata, 2000. p. 210.

<sup>6</sup> LANGER in BLASCO, Serafina P. *Compendio de Musicoterapia*. v. 1. Barcelona: Biblioteca de Psicología, 1999. p.541.

sentimentos são ambivalentes, uma característica compartilhada pela música.<sup>7</sup>

Podemos pensar então que a estrutura da música é o que possibilita a expressão das emoções, por realizar conexões com a subjetividade do indivíduo e por ir muito além do que o campo da linguagem verbal. As características de mutação, instabilidade e imprecisão que podem ser desenvolvidas através da produção musical são determinantes para que haja a expressão das emoções de um indivíduo.

Quando relacionamos as funções da música para os seres humanos não podemos descartar a valiosa ferramenta para o bem estar e qualidade de vida. A música contribui para o espírito na medida em que podemos utilizá-la como uma ferramenta de formação de personalidade e de valores. A prática do canto, por exemplo, estimula a auto estima (mediante a auto realização) e o auto conhecimento, pois na medida em que canta aprende a dominar esta produção vocal que necessita de consciência corporal e emocional. Quando os sujeitos se permitem à prática de propriocepção<sup>8</sup> conseguem obter o domínio de suas ações e desta forma melhor saberão interagir entre si e com o mundo que o rodeia.

A pessoa, ao cantar, experimenta sensações internas que seus ouvintes não percebem. (...) Com isso afirma-se: o cantor não se “ouve”; o cantor se “sente”! Na verdade, o que ele deve aprender e desenvolver é o controle de suas próprias percepções ao cantar. A voz resultante é apenas uma decorrência natural de tais sensações físicas.<sup>9</sup>

Através da prática de música em grupo, por exemplo, aprende-se a trabalhar em equipe, a ouvir atentamente as intenções e os sentimentos dos outros, criando momentos de auto-expressão e comunicação, desenvolvendo iniciativas e impulsionando a coragem para quebrar padrões. Ao mesmo tempo que se desenvolvem habilidades (conhecimentos musicais e práticas que habilitam o corpo

---

<sup>7</sup> LANGER in BLASCO, Serafina P. *Compendio de Musicoterapia*. v. 1. Barcelona: Biblioteca de Psicologia, 1999. p.81.

<sup>8</sup> Propriocepção é um termo utilizado na Psicologia Corporal que significa ir além de conhecer o corpo físico, que é fundamental, mas também conhecer e dominar a si mesmo (dimensões do corpo, potencialidades e limitações e através deste conhecimento manipular as suas ações e desejos formando a personalidade). Informação retirada através da análise do texto do livro DICHTWALD, Ken. *Corpomente*. São Paulo: Summus, 1984. p.184-185.

<sup>9</sup> COELHO, Helena Wöhl. *Técnica vocal para coros*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p.67.

para a prática da música), surgem na vivência desse processo, autenticidade e qualidade nas relações.

A prática musical – com intenção de prevenção da saúde - utiliza basicamente de sons e movimentos para abrir canais de comunicação no processo de recuperação do indivíduo, seja como expressão da emoção ou descarga de energia física, pois a música pode contribuir de maneira muito eficaz para recriar o universo interno de uma pessoa, conduzindo-a a um estado de equilíbrio.

Sendo assim acredito no grande potencial da utilização de uma comunicação através da linguagem musical e a partir do momento que existe um profissional com conhecimento de música e musicoterapia se torna possível realizar a prevenção de saúde e melhora da aprendizagem dentro das instituições de ensino.

## 1.2. Musicoterapia: Como surgiu e para que serve?

Na Grécia antiga, o deus Apolo era tanto o deus da música como o da medicina. Havia um templo de cura que empregava a música como a principal forma de harmonização do corpo e do espírito, efetuando as curas. Homero afirmava que a música foi uma dádiva divina para o homem, pois com ela podia alegrar a alma e apaziguar as perturbações da mente e do corpo.<sup>10</sup>

O uso dos sons como forma de cura não é recente. Provavelmente seja tão antigo quanto o primeiro som produzido por um ser humano.

Porém, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), nos hospitais dos Estados Unidos da América, teve início uma efetiva utilização científica da música como efeito sedativo e relaxante para soldados feridos, com inúmeros traumas, dando, assim, origem à musicoterapia. A partir daí, surgiram equipes para o estudo dos efeitos terapêuticos da música, com análise de formas de se alcançar uma possível cura.

A musicoterapia é um método de cura universalmente usado e vem, nos últimos, anos abrindo um leque de novas possibilidades para sua aplicação.

Pode-se dizer que a musicoterapia tem como principal recurso de trabalho a música que, agindo sobre as emoções, proporciona, através de sua aplicação, a

---

<sup>10</sup> JOURDAIN, Robert. *Música, cérebro e êxtase*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p.38.

auto-aceitação, a auto-percepção e o autoconhecimento, conforme a definição referida por Bruscia:

A musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um paciente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento.<sup>11</sup>

Como fundamento da musicoterapia, é importante conhecer a história sonora do indivíduo ou do grupo a ser trabalhado, para que crie um canal de comunicação adequado, onde o musicoterapeuta, através da abertura desses canais de comunicação, se utilize do movimento para obtenção de efeitos terapêuticos e profiláticos, possibilitando encaminhar o indivíduo à realidade, reduzindo tensões e aliviando emoções.

A questão se a música pode ou não afetar as emoções é um importante ponto de debate. Inclui tanto a compreensão da natureza dos seres humanos como da natureza da música.

Para compreender a estrutura de uma pessoa, Rolando Benenzon estabelece conceito de “ISO” que significa a identidade sonora que cada um constrói durante a sua vida e através dela é possível conhecer elementos da personalidade:

Eu acrescento a isso a existência de energias que correspondem aos sons, ao movimento, e que constituem o conjunto de todas elas. É o que chamo de ISO, que significa: identidade sonora. Esta ISO caracteriza cada indivíduo e, portanto, é parte da estrutura de sua personalidade. (tradução nossa)<sup>12</sup>

Benenzon considera que essa identidade sonora é um fenômeno de som e movimento interno que resume nossos arquétipos sonoros, nossas vivências sonoras gestacionais e intra-uterinas e nossas vivências sonoras de nascimento e

---

<sup>11</sup> BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. p.7.

<sup>12</sup> Yo agrego a esto a existencia de energias que correspondem a las sonoridades, al movimiento, y que constituyen el conjunto de todas ellas. Es lo que llamo de ISO que quiere decir: Identidad sonora. Este ISO caracteriza cada individuo y, por tanto, forma parte de la estructura de su personalidad. BENENZON, Rolando. Modelo musicoterapêutico de Benenzon. In TORO, Mariano Betés de. *Fundamentos de Musicoterapia*. Madrid: Morata, 2000. p. 329.

infantis até nossos dias. Para melhor compreender e distinguir essa identidade sonora, Benenzon subdivide em ISO Gestáltico, um ISO Complementar, um ISO Grupal e um ISO Universal.

ISO Gestáltico é um mosaico dinâmico descrito anteriormente que caracteriza o indivíduo, destacando que a percepção não é a de um conjunto de elementos e sim, a de um todo unificado e o indivíduo não percebe um conjunto de sensações elementares, porém uma sensação de totalidade.

O ISO Complementar é uma flutuação momentânea do ISO Gestáltico, motivadas por pequenas mudanças que acontecem todos os dias ou nas sessões de musicoterapia por efeitos de circunstâncias ambientais específicas e dinâmicas.

O ISO Grupal é fundamental para se conseguir uma unidade de integração de um grupo terapêutico em um contexto não verbal. O ISO Grupal é uma dinâmica que flui no grupo, como a síntese em si mesma de cada identidade sonora, de cada paciente.

O ISO Universal, este que caracteriza e identifica todos os seres humanos, independe de seus contextos culturais, sociais, históricos e psicofisiológicos particulares. Nele estão incluídos os sons do batimento cardíaco, sons de inspiração e expiração e a voz da mãe nos primeiros momentos e dias do nascimento e da gestação da criança.

A conclusão que se chega é de que a reação à música só é previsível se for aprendida ou condicionada. Pode-se dizer, assim, que a música evoca e libera emoções de acordo com a familiaridade que cada indivíduo possui sobre determinada música ou emoção que sente ao ouvi-la.

Provavelmente, o mais importante progresso da investigação científica nesta área foi a descoberta de que a música é percebida através da parte do cérebro que recebe o estímulo das emoções, sensações e sentimentos, antes de ser submetida aos centros do cérebro que envolvem a razão e inteligência. O resultado deste fato com relação à terapêutica musical é exposto por Schullian e Schoen:

A música, que não depende do cérebro superior para penetrar no organismo pode estimular, através do tálamo – a sensação de todas as emoções, sensações e sentimentos. Uma vez que o estímulo seja capaz de atingir o tálamo, o cérebro superior é automaticamente invadido, e se o estímulo continuar por algum tempo, um mais estreito contato entre o cérebro superior e o mundo ou realidade pode ser assim estabelecido.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup>LENO, 1977. p.2.

Nos dias de hoje a escola está agregando crianças e jovens que possuem estados físicos e psíquicos considerados normais e outros que possuem diferentes patologias no desenvolvimento. Para auxiliar no processo de aprendizagem na escola é importante ter um profissional de música e saúde que entenda dos conhecimentos das potencialidades dos/as alunos/as e também saiba estimulá-los para que aconteça o progresso das habilidades e dos conhecimentos.<sup>14</sup>

A música e a promoção de saúde através de música é o tema central deste trabalho. Porém, é importante compreender de que formas a música pode auxiliar no cotidiano escolar. Para saber as necessidades e o contexto escolar que hoje temos no Brasil, no próximo capítulo procuro proporcionar um panorama desta realidade apontando as principais dificuldades que nela possa existir.

---

<sup>14</sup>Maiores informações sobre o uso da música em benefício da aprendizagem na escola serão vistas no capítulo 3 deste trabalho.

## 2. ANÁLISE DO CENÁRIO DA ESCOLA: PROBLEMAS ESCOLARES NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO 21

A escola, instituição epicentro da sociedade contemporânea, padece da violência canalizada para seu interior e daquela que ela gera nas suas próprias práticas. Como concentração de um contingente expressivo, vira alvo fácil de ações violentas entre os próprios parceiros. Em muitos casos a escola é ponto de encontro forçado de tribos. Rivais ou de desafetos que não conseguem se evitar por serem forçados a conviver num mesmo espaço. Numa sociedade individualizante e narcisista, onde o Outro passa a ser um incômodo, o tamanho das turmas e das próprias escolas, mesmo das menores, é desproporcional à capacidade de tolerância e convivência com a presença do Outro nas subjetividades da atualidade.<sup>15</sup>

A identificação das diversas dificuldades escolares vem crescendo, embora há muitos anos se reconheça a relevância de tais problemas. Neste contexto, novas concepções sobre o processo de ensino e aprendizagem vêm reforçando a importância da influência das variáveis internas, como as escolhas, crenças expectativas e emoções, tanto daqueles que ensinam como daqueles que aprendem.

Historicamente, muitas escolas, para além das intenções primeiras dos educadores, estão a serviço de um processo de desumanização (mecanização, alienação, dominação, inculcação ideológica, exclusão). Nas últimas décadas este processo se intensifica e as manifestações são iniludíveis: alunos não aprendendo o mínimo que deveriam, desinteressados, indisciplinados, violentos (são queixas dos professores constatadas cada vez mais cedo nos estágios de escolaridade); professores frustrados, doentes, desistindo psicologicamente da função; pais perplexos, desorientados; sociedade se queixando do perfil do aluno egresso dos bancos escolares (da educação básica ao ensino profissionalizante ou superior). [...] Para entendermos esta situação, levantamos, muito sinteticamente, os seguintes fatores: Desmolde social: crise de valoração, desemprego, violência, exclusão social, intolerância, preconceito, exploração do trabalho infantil, consumismo e reestruturação familiar. [...]<sup>16</sup>

Quando se fala em dificuldades escolares geralmente se refere à criança que possui problemas no aprendizado, algum distúrbio mental ou emocional que lhe dificulta a socialização com outros colegas, mas não se pode deixar de lado os problemas encontrados nos demais membros formadores da escola: a comunidade escolar. Esta fica interligada aos professores, funcionários e familiares que influenciam e interagem junto com os discentes em prol da educação.

---

<sup>15</sup> LA TAILLE, Yves de. *Indisciplina/disciplina: ética, moral e a ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.47.

<sup>16</sup> VASCONCELLOS, 2009. p.20-21.

Nos dias de hoje o conceito de saúde não se limita apenas à ausência de doença ou ao corpo funcionando. A saúde está relacionada com o ambiente, com as condições dignas e com a integralidade dos seres.

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. [...] O conceito da OMS, divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948 (desde então o Dia Mundial da Saúde), implicando o reconhecimento do direito à saúde e da obrigação do Estado na promoção e proteção da saúde, diz que “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”.<sup>17</sup>

Uma realidade que encontro nas escolas é de alunos, professores e funcionários que não possuem a condição de saúde em sua totalidade. Há pessoas sem condições emocionais, com problemas de família, com faltas de carinho e atenção pelos seus familiares. E no ambiente de escola particular, onde os jovens aparentemente possuem “tudo”, há a ausência de atenção, excesso de liberdade, ausência de limites, características que devem ser trabalhadas de acordo com suas idades. Crianças não sabem o que podem ou não fazer, precisam ser ajudadas, ensinadas e precisam ser amadas!

Há muitos pais que tornam-se omissos com relação a seus filhos, ora por não saberem o que e como fazer; ora por não perceberem que deveriam dedicar mais tempo ou, pelo menos, mais qualidade no tempo que estão com seus filhos. Pela ausência de atenção em casa, as crianças acabam por levar suas carências e faltas para a escola. Com isso o papel dos professores pode ficar sobrecarregado, pois além de construir conhecimentos devem solucionar conflitos referentes a diversos assuntos trazidos pelos alunos para a sala de aula.

Estudos indicam que os professores empregam quase 1/3 do tempo de aula administrando conflitos interpessoais. Em uma pesquisa, acompanhamos inúmeras escolas visando compreender quais eram as concepções sobre estas situações e, em decorrência delas, quais intervenções eram feitas. A maioria dos educadores consultados concebe os conflitos como negativos e danosos ao bom andamento das relações, sentindo-se inseguro, angustiado ou irritado quando se depara com casos de furto, dano ao patrimônio, agressão.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup>SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. *Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 29-41. 2007.

<sup>18</sup>VINHA, Telma Pileggi. Autoridade Autoritária. *Nova Escola*, São Paulo, n. 226, p.12, 2009.

A saúde relacionada aos professores tem relação com os desgastes emocionais, resultantes dos conflitos em sala de aula, da quantidade de trabalho, da preparação e qualificação do profissional e do desgaste físico, resultado de muitas horas de trabalho, do abuso do corpo e da fala. Há diversos casos de profissionais que perdem a saúde da voz, excesso de horas de trabalho, para garantir condições financeiras de sustento.

Além de questões pessoais da vida diária do professor, há necessidade de preocupação com o que deve ser o objetivo principal de sua atuação docente: a construção do conhecimento e das relações. Percebo que poucos docentes conseguem conversar com seus alunos e resolver conflitos; apenas indicam regras que devem ser obedecidas.

E quando se ensina e se conversa sobre atitudes e relacionamentos? Pela prática percebo que há uma insatisfação por parte dos docentes e dos discentes em relação aos problemas de comunicação e comportamento em sala de aula. Qual seria o momento adequado para explicar e conversar com os alunos? Se isso acontece ainda ocorre poucas vezes. É necessário que os professores andem muito em harmonia e com a mesma linha de pensamento sobre questões de atitudes e relações, mas nem sempre é possível. Percebe-se que a escola está na maior parte das vezes preocupada em informar e não em orientar, em formar. Se esta orientação também não vem de casa, ou se vem insuficiente, os alunos acabam não atribuindo em suas experiências vivências de relacionar-se em grupo. Há uma grande diferença entre os termos: a informação é recebida a cada momento, por diferentes meios de comunicação; a orientação é dada pelo exemplo, pela conversa, pelo testemunho e pela doação.

Os funcionários, assim como os professores, cada vez são mais exigidos em suas tarefas, com menos prazos e mais exatidão na realização, sem espaço para erros. Nesse ambiente, sofrem discriminação e insultos. E onde está o direito à igualdade?

A saúde é um dom maravilhoso de Deus e resultado do trabalho da comunidade em defesa e proteção da vida. É um compromisso de solidariedade. Interessa à toda humanidade, indistintamente do credo, etnia, nacionalidade, sexo, cultura. A saúde é um direito fundamental do ser humano. É o seu direito à vida.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup>PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana. *Cuidar do Ser Humano: Ciência, ternura e ética*. São Paulo: Paulinas, 2009. p.11.

Todos precisam ser orientados, estimulados e estar conscientes de seus direitos à saúde e ao bem estar físico e mental. É necessário cuidar da vida. O trabalho de musicoterapia tem por objetivo principal reforçar os direitos humanos e, com esses partir, para a busca concreta de mudança de comportamento nas relações e também na melhora física, psíquica e emocional dos sujeitos da comunidade escolar.

As pessoas com deficiência ou síndrome são historicamente excluídas pela sociedade. Na escola há um crescente número de pessoas que possuem diferentes deficiências e que mesmo ainda sendo uma minoria este grupo precisa ser compreendido e ajustes deverão ser feitos para que seja possível compreender estas pessoas. A favor da diversidade e com pensamento de que todos os seres humanos possuem direitos iguais de aprender, a Lei número 7.853 que foi aprovada em 1989 e regulamentada em 1999, obriga todas as escolas a aceitar alunos com deficiência e transforma em crime a recusa a este direito.

Com o crescente aumento de crianças de inclusão dentro da escola há inúmeras questões que devem ser pensadas para realmente oferecer um atendimento adequado para estas demandas e conseguir realizar um trabalho eficaz junto a toda comunidades escolar.

Algumas metodologias para tratar dessa questão propõem individualização do ensino através de planos específicos de aprendizagem para o aluno. Esta concepção tem como justificativa a diferença entre os alunos e o respeito à diversidade. Porém, como pensar a inclusão se os alunos com dificuldades e, apenas eles, têm um plano específico para aprender? Um plano individualizado, nessa perspectiva, pode ser um reforço à exclusão. Levando em conta a diversidade não implica em fazer um currículo individual paralelo para alguns alunos. Caso isto aconteça, estes alunos ficam à margem do grupo, pois as trocas significativas feitas em uma sala de aula necessariamente acontecem em torno dos objetos de aprendizagem. As flexibilizações curriculares são fundamentais no processo de inclusão educativa. Porém, é necessário pensá-las a partir do grupo de alunos e a diversidade que o compõe e não para alguns alunos tomados isoladamente.<sup>20</sup>

A inclusão escolar significa envolver os alunos com maiores dificuldades em situações que possam ser realizadas por este e pelo restante do grupo. Fazer um plano diferenciado não será inclusão, o que deve ser feito é o envolvimento de todos

---

<sup>20</sup> DOCUMENTO Subsidiário à política de inclusão. Brasil: Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaeinclusao.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

os alunos num mesmo propósito. Para isto é necessário que o professor saiba das possibilidades e limitações de cada discente – importância das concepções teóricas que fundamentam a sua prática - para poder propor intervenções que visam a aprendizagem de todos os alunos. Isto será inclusão.

No livro *Educação Inclusiva*, o autor Peter Mittler fala sobre a importância de existirem planos de parcerias entre os pais dos alunos e educadores. Estes planos servem para haver uma coerência no processo educacional em prol de encontrarem uma unidade na passagem dos conhecimentos e nas informações transmitidas para as crianças e jovens.

Um governo comprometido com a inclusão tem que lidar com a exclusão dos pais na participação das discussões e das decisões que são feitas sobre a educação das suas crianças. [...] As escolas à volta poderiam tentar encontrar novos modos de pedir aos pais as suas opiniões sobre como poderiam ser fortalecidos os vínculos entre o lar e a escola. Os vínculos mais íntimos entre pais e professor não podem ser prescritos “de cima para baixo”, mas sim ser fundamentados nos desejos e nas prioridades daqueles que estão nessa área.<sup>21</sup>

A comunidade escolar deve também estar ciente dos casos de inclusão e da forma como devem tratar com as crianças que possuem alguma necessidade especial. Cabe a escola deixar transparente os casos existentes para as demais crianças e suas famílias. É preciso ter clareza e não ter medo do diferente. Quando se explica para uma criança o fato do seu colega de aula ter características diferentes e se apontam as habilidades e limitações que este colega tem, a tendência é que este seja compreendido, ajudado e estimulado por todos os colegas. Ninguém irá excluir e sim saberá as formas de contribuir para que todas as crianças convivam e saibam lidar com o diferente.

A escola estará contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa somente quando houver respeito, conhecimento e experiência para atender as diferenças e souber melhor compreender e superar as principais dificuldades escolares que impedem a construção dos saberes e também os fatores que perturbam a saúde de todos os envolvidos na educação. A violência escolar e a falta de orientação e limites que não estão sendo estabelecidos pela família são pontos que elegi para serem descritos como principais causadores de problemas dentro da escola.

---

<sup>21</sup>MITTLER, Peter. *Educação Inclusiva: Contextos Sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 227.

## 2.1. Violência escolar

A cada dia aumentam os obstáculos e as crianças estão cada vez mais atentas nos acontecimentos do mundo e aos exemplos de violência e de perversidade que aparecem na televisão ou que são postados na internet. Inevitavelmente as crianças e jovens menos orientadas pelas suas famílias acabam por cometer agressividades contra a comunidade escolar e esta passa a ser mais um alvo de crueldades.

Um homem invadiu uma escola municipal de Realengo, na Zona Oeste do Rio, e atirou contra crianças dentro de uma sala de aula, deixando mortos e feridos. De acordo com as primeiras informações, o atirador teria entrado nas dependências disfarçado de palestrante e as razões do crime ainda não conhecidas. [...] O ataque que ocorreu em uma escola de Realengo na manhã desta quinta-feira fez muitos brasileiros fazerem uma associação imediata com a tragédia ocorrida da região de Colorado, nos Estados Unidos, em 1999. Conhecido como Massacre de Columbine, o episódio envolveu dois alunos do Instituto Columbine que atiraram contra vários colegas e professores, matando 15 pessoas.<sup>22</sup>

Há tempos atrás a escola seria o último lugar que se imaginaria um assassinato, roubo ou maldades contra aqueles que lutam diretamente pela construção de conhecimentos e vestem a camiseta em favor dos direitos humanos e da vida. A violência externa contra alunos e professores, como assassinatos, roubo aos professores são fatos cada dia mais presentes na escola. Como explicar este fato? Não há uma só resposta para esta pergunta, mas o que podemos examinar é a falta da participação, dedicação e interesse da família e dos que lideram a escola no sentido de promover momentos de integração e comunhão para debater as dificuldades de educar e orientar as famílias quanto à forma de lidar com os diferentes problemas na educação de seus filhos.

A agressividade pode se direcionar para diversos aspectos. O *bullying* é o atual nome dado aos atos de violência física e emocional, intencional e repetitivo,

---

<sup>22</sup> ATAQUE contra crianças em Realengo lembra tragédia em Columbine. Site O Dia Online, Agência O Dia – todos os direitos reservados. Disponível em: <[http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2011/4/ataque\\_contra\\_crianças\\_em\\_realengo\\_lembra\\_tragedia\\_em\\_columbine\\_156197.html](http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2011/4/ataque_contra_crianças_em_realengo_lembra_tragedia_em_columbine_156197.html)>. Acesso em: 7 abr. 2011.

que acontecem entre grupos de alunos contra indivíduos incapazes de se defender. Este é mais um fator preocupante dentro da escola.

O *bullying* é uma brincadeira de mau gosto disfarçada de um duvidoso senso de humor. Quando a criança recebe apelido que a ridiculariza, sofre ameaça, é roubada, intimidada e recebe agressão física ou moral está sofrendo *bullying*. Há também o *cyberbullying*, que é a agressão publicada na internet. É quando um professor é exposto ou particularidades de pessoas são postadas em sites na internet.

Se recorremos ao dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra *bully*: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás dessas ações sempre há um *bully* que domina a maioria dos alunos de uma turma e proíbe qualquer atitude solidária em relação ao agredido. O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* (os bullies) para impor sua autoridade e manter vítimas sob total domínio.<sup>23</sup>

A palavra *Bullying* vem do termo inglês *bully* que significa valentão e brigão. Esta ação pode acontecer em qualquer contexto social e inicialmente pode parecer inofensiva, mas com a repetição das humilhações os agredidos passam a apresentar traumas que influenciam na personalidade em casos extremos pode chegar ao suicídio.

Pesquisa realizada em 2008 em seis estados brasileiros apontou que 70% de 12 mil alunos consultados afirmaram ter sido vítimas de violência escolar. Entre as formas mais comuns, está o *bullying*, comportamento que inclui atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro.<sup>24</sup>

As discussões ou brigas pontuais não são *bullying*. Ele somente acontece quando se mantém implicâncias constantes e que apresentam quatro características: a intenção do autor em ferir o alvo, a repetição da agressão, a presença de um público espectador e a concordância do alvo em relação a ofensa.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup>SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 21.

<sup>24</sup>SANTOMAURO, Beatriz. *Violência Virtual*. Revista Nova Escola. São Paulo, ano XXV, n. 233, p.66, 2010.

A pessoa que pratica o *bullying* faz isso para se sentir mais popular no meio escolar e assim sentir-se poderoso. Faz isso pelo fato de não saber transformar sua raiva em diálogo e como “válvula de escape” pratica maldades que geralmente não são apresentadas apenas dentro da escola.

Sozinha a escola não consegue resolver este problema, mas é lá que aparecem os primeiros indícios dos praticantes desta ação. É necessário mudar e exterminar a perversidade e a humilhação por parte dos agressores e tentar dentro da escola identificar e evitar para que isso não aconteça.

[...]As escolas precisam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorrido em suas dependências. [...] As instituições de ensino têm o dever de conduzir o tema a uma discussão ampla, que mobilize toda a sua comunidade (e seu entorno), para que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação.<sup>25</sup>

É preciso mudar este jogo, pois as escolas precisam reconhecer a existência do *bullying* e tomar conhecimento dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento social e educacional e para a estrutura psicológica dos estudantes. Somente com a união da justiça, da escola e das famílias e de uma política franca sobre os acontecimentos que será possível combater a violência na escola e fazer com que ela se torne um lugar novamente de paz e progresso para a sociedade.

## 2.2. A falta de limites por parte da família

Quando a criança chega à escola, traz consigo marcas dos primeiros anos de vida, sob todos os aspectos: biológicos, psicológicos e sociais. E muitas vezes, distúrbios em qualquer um destes aspectos acarretam transtornos que, amiúde, só são percebidos quando a criança chega à escola.<sup>26</sup>

A aprendizagem é um dos papéis do professor, porém não pode ser sustentado unicamente por ele e dele depender o sucesso ou fracasso da educação para cada um dos alunos.

---

<sup>25</sup> SILVA, Ana Beatriz B., 2010, p.162.

<sup>26</sup> SHINTANI, Kariny; ARMOND, Leonardo; ROLIM, Vassily. *Dificuldades Escolares*. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp19.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

A realidade que encontro nas escolas hoje em dia é de grande falta de acompanhamento dos pais na vida de seus filhos. São poucas as famílias que se envolvem integralmente na formação da educação de seus filhos e estas faltas refletem diretamente nos comportamentos que as crianças e adolescentes estarão demonstrando dentro da escola que hoje, que, para muitas crianças, serve de segundo lar e espaço principal de convivência social.

Durante muito tempo, na história, o papel da criança foi negligenciado. Era incerta a sobrevivência pela falta de cuidados, pouca tecnologia e pelos índices de natalidade. Foi somente a partir do século 18 que as crianças passaram a ser especiais e importantes na sociedade e dignas de serem observadas. Antes, a criança era considerada um adulto imperfeito e ineficiente. Ela era importante não pelo que era, mas pelo que viria a ser. No século 19, a infância virou fonte de inspiração e pedagogos a estudam em grande escala.

Com as mudanças ocorridas no século XX, tanto no campo das relações humanas como na educação, as pessoas foram aprendendo a respeitar as crianças, entendendo que elas têm, sim, querer (há pouco mais de três décadas nossos pais diziam com toda segurança “criança não tem querer”, quem não lembra?), gostos, aptidões próprias e até indisposições passageiras – exatamente como nós, adultos. [...] O poder absoluto dos pais foi substituído por uma relação mais democrática. E o entendimento cresceu... Todos ficaram felizes... Será? Será que as coisas aconteceram de forma tão harmoniosa, com todos?<sup>27</sup>

Nos últimos vinte anos do século 20, o paradigma é baseado em diversos aspectos: infância precisa ser compreendida, é um ser que precisa de um núcleo social para viver, e, atualmente, a criança é reconhecida como um ser vulnerável. Nem todas as famílias possuem a consciência de que a criança é um ser em formação e que precisa ser cuidada e orientada. O grande problema na relação entre pais e filhos é que muitos pais tem ainda dificuldades de colocar em prática esta nova forma de educar que, de fato, é mais difícil. Antigamente as coisas eram impostas. Atualmente deve haver diálogo, negociações e acordos. Para isto acontecer é necessário disposição de tempo, clareza nos apontamentos e decisões e principalmente os limites.

É fundamental acreditar que dar limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro. [...] Ninguém pode respeitar seus

---

<sup>27</sup> ZAGURY, Tania. *Limites sem trauma*. 33. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 13.

semelhantes se não aprender quais são os seus limites – e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja na vida. É necessário que a criança interiorize a idéia que poderá fazer muitas, milhares, a maioria das coisas que deseja – mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode ser sutil, mas fundamental.<sup>28</sup>

O jovem precisa ter consciência de que para conseguir as suas coisas não deve prejudicar ninguém. Porém nem sempre é isso que lhe é mostrado através do exemplo ou da conversa. Para o jovem chegar na fase adulta tendo discernimento para as coisas certas e erradas precisa desde cedo ser orientado nas coisas que pode ou não fazer, mesmo que não tenham vontade ou dêem muita vontade ou prazer. A segurança e firmeza de propósitos regada à muito afeto e carinho é a receita para que as famílias consigam interagir saudavelmente com seus filhos e lhe preparem para a sociedade.

Considerando a importância da acessibilidade das pulsões destrutivas ao plano simbólico e à consciência, é possível visualizar um papel fundamental para a educação nos destinos dessa pulsão. Mais do que interditá-la, trata-se de encontrar possibilidades para sua expressão simbólica. Para isso a educação possui muitos recursos e meios: basta apenas conter as atuações diretas, automáticas e cegas, e oferecer as alternativas indiretas imediatas pelo sigilo, pelo pensamento e pela linguagem. Outro aspecto é tomar como parte do cenário escolar a irrupção de conflitos, intolerâncias, exacerbação da agressividade e de condutas violentas, cabendo à escola a opção entre incorporar em sua socialidade elementos do neotribalismo ou re-ensinar, contra a corrente da contemporaneidade, o prazer de estar junto norteado por projetos racionais e vinculações duradouras, ressaltando-se que tais alternativas não são necessariamente exclusivas.<sup>29</sup>

Sem dúvida estamos em um momento da história em que temos que refletir sobre as mudanças que podem ocorrer para que a escola seja novamente um ambiente saudável e continue promovendo aprendizagens, construções do conhecimento e relações humanas.

A música pode ser a forma de equilibrar as pulsões dos sujeitos e proporcionar o convívio prazeroso. É necessário que ocorra uma mudança e com estas informações fica mais fácil identificar as formas de como o trabalho com música pode trazer um equilíbrio para as relações escolares. No próximo capítulo serão apontadas as formas que a música pode agir como forma de prevenção, estimulação, expressão e relacionamento.

---

<sup>28</sup> ZAGURY, 2001. p. 14.

<sup>29</sup> LA TAILLE, 2005. p.53.

### 3. CONTRIBUIÇÕES DE MÚSICA E MUSICOTERAPIA NA ESCOLA

“Me cansei de lero-lero  
 Dá licença mas eu vou sair do sério  
 Quero mais saúde  
 Me cansei de escutar opiniões  
 De como ter um mundo melhor  
 Mas ninguém sai de cima  
 Nesse chove não molha  
 Eu sei que agora  
 Eu vou é cuidar mais de mim...”<sup>30</sup>

As técnicas de musicoterapia variam de acordo com o grupo e com o tipo de trabalho que o musicoterapeuta desenvolve com os pacientes. No caso da escola é necessário que o musicoterapeuta tenha o cuidado de ser apenas educador e se preocupar diretamente com ensino aprendido. O musicoterapeuta que é professor precisa manter uma distância não estabelecer outro vínculo seus alunos.

O trabalho terapêutico com música deve ser feito por um musicoterapeuta habilitado, e como qualquer profissão, deve seguir a ética, de acordo com os seguintes artigos do código de ética do musicoterapeuta:

Art.6- Respeitar os direitos e dignidade do cliente e, em todas as circunstâncias, atuar em seu benefício;  
 Art. 7- Preservar a integridade do cliente e não explorá-lo de forma sexual, financeira, ou buscar vantagens emocionais ou pessoais;  
**Art.8 - Evitar estabelecer com seus clientes qualquer outro tipo de relacionamento além do terapêutico;**  
 Art. 9- Prestar serviços somente em contexto de uma relação profissional e em espaços que garantam a segurança do cliente;  
 Art . 10 - Considerar tanto as possibilidades quanto as limitações físicas, mentais e emocionais do cliente, desenvolvendo objetivos apropriados para o atendimento às suas necessidades e avaliar constantemente o desenvolvimento do processo musicoterápico;  
 Art. 11- Finalizar o tratamento quando o cliente não se beneficiar mais deste; [...] Art. 13 - Proteger o caráter confidencial das informações a respeito do cliente, registradas ou produzidas por diversos meios ( áudio, vídeo, textos, imagens plásticas, etc. ) . A divulgação com fins científicos será condicionada à autorização prévia do cliente ou seu responsável, sempre que identifique o cliente;<sup>31</sup>

Como professor de música, o profissional deverá desenvolver em seus alunos habilidades e competências presentes no currículo da escola; como

<sup>30</sup> DUNCAN, Zélia. *Saúde*, CD Novo Millennium. Gravadora Universal, 2002. 1 disco sonoro, faixa 18, estéreo.

<sup>31</sup> Código de Ética da Profissão. *Capítulo II Das Resposabilidades do Profissional em Musicoterapia*. Disponível em: <http://www.amtrj.com.br/codigo2.shtml>. Acesso em: 14 de maio de 2011.

musicoterapeuta, é necessário que os participantes expressem mudança de comportamento.

Educação: Brasil é 88° entre 128 países. Estudo da Unesco, com 128 nações, mostra que Brasil está atrás de Paraguai e Argentina. O alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que o Brasil conquistou há dois anos não chegou à educação. O relatório Educação para Todos, divulgado nesta terça-feira (19/1) pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), mostra que a baixa qualidade do ensino nas escolas deixa as crianças para trás.<sup>32</sup>

Estes dados da UNESCO são uma amostra de que durante o ano letivo estão acontecendo problemas no Brasil que não são possíveis de serem solucionados apenas com os métodos atuais.

Os efeitos adversos do fracasso escolar, quando a criança não desenvolve sua melhor capacidade produtiva, têm apontado para a existência de relação entre dificuldades de aprendizagem e baixa auto-estima.

O manejo das dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar não se constitui em tarefa fácil, e, muitas vezes, a alternativa dada envolve a colocação das crianças em programas especiais de ensino, como o proposto para as salas de reforço ou de recuperação paralela, destinadas a alunos com dificuldades não superadas no cotidiano escolar. Os programas de reforço, na realidade do Brasil, a princípio, se apresentam como uma proposta que visa contribuir para bom desenvolvimento escolar, contudo, carecem de estudos sistemáticos que demonstrem a sua eficácia no que diz respeito aos aspectos psicológicos de crianças com dificuldade escolar.

Lidar com o insucesso escolar, com o baixo rendimento e com as múltiplas implicações para auto-avaliação da criança, para a família, professores e comunidade constitui-se em tarefa complexa e desafiadora para a qual não se tem, ainda, uma resposta acabada e pronta, o que aponta para a necessidade de buscar alternativas que possam minimizar tal situação.

---

<sup>32</sup> PEREIRA, Laercio Elias. *Educação: Brasil é 88° entre 128 países*. Disponível em: <http://cev.org.br/comunidade/educacao/debate/educacao-brasil-88-entre-128-paises-unesco/> Acesso em: 20 jan. 2010.

A questão fundamental inicial da formação docente está em criar, favorecer, a atitude problematizadora, inquiridora, questionadora frente ao mundo; desejo de saber; fluxo, movimento, fome, necessidade, insatisfação, consciência da incompletude, busca, curiosidade, disposição epistemofílica, vida. Isto é o contrário de ser conformista, inerte, e, sobretudo, indiferente. Papel decisivo do professor nessa fase: provocar, desequilibrar, problematizar. O autêntico mestre é um pesquisador porque tem razões, na mesma medida em que investiga a razão de ser da realidade.<sup>33</sup>

Neste momento, o trabalho de musicoterapia com grupos de alunos, professores e funcionários pode servir como suporte, alívio das tensões e angústias, aumento da estima, coleguismo, afetividade, e aprimoramento das relações de respeito.

A musicoterapia pode ser utilizada de forma preventiva, estimuladora ou na cura de doenças. No ambiente escolar temos como aplicar a utilização destas três formas, através da prática musicoterapêutica. Abaixo, proponho formas de aplicação da música em prol do cuidado, da saúde, da prevenção e da estimulação na escola.

### **3.1. Educação para o cuidado: musicoterapia preventiva**

Nem sempre o professor e/ou orientador possui condições físicas (pessoais e materiais) ou de incentivo para a realização e desenvolvimento de seu trabalho. Contudo o cuidado e a capacidade de amar, que são potencialidades humanas, precisam de condições para se manifestar.

Não é de hoje que a escola vem agregando incumbências relacionadas à educação dos alunos. A cada ano que passa, a escola vem recebendo mais responsabilidades no que se refere a dar limites, informar, orientar e educar. A verdade é que muitas destas responsabilidades, que deveriam ser dos pais, caem sob a responsabilidade do professor em sala de aula, pois aquilo que as crianças não recebem em casa (carinho, atenção, etc.) buscam receber na escola, espaço que propicia maior integração e melhor qualidade de ações entre os colegas e os professores.

---

<sup>33</sup> VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Currículo: A Atividade Humana como Princípio Educativo*. São Paulo: Libertad, 2009. p.151.

Ser professor não é uma tarefa fácil. Ainda mais nos dias de hoje. Muitos professores vêm passando por dificuldades que interferem na sua saúde física e mental. A voz das pessoas são referenciais muito importantes pois a partir dela se compreende a estrutura do discurso e o grau de equilíbrio emocional. Somente com um discurso claro decorrente de um pensamento organizado e de um condicionamento vocal saudável que os professores poderão conduzir de uma melhor forma os seus trabalhos e atividades dentro de sala de aula. A forma de conduzir o grupo e as reações deste dependem da forma do discurso que lhes for proporcionado.

Fica claro que o uso indevido da voz não indica um problema moral, mas pedagógico, isto é, de socialização, de aprendizado de regras sociais. [...] Toda ação pedagógica da socialização – como o aprendizado social do uso da voz – visa a inculcar, o mais profundo e duravelmente possível, por meio de comportamentos empíricos precisos, singulares, uma atitude, isto é, um certo tipo de relação global com o outro que, uma vez interiorizada, vai suscitar – toda vez que determinadas condições objetivas se apresentarem – um certo tipo de comportamento.<sup>34</sup>

Cuidar da voz é muito importante, pois ela é uma ferramenta fundamental da atividade docente. É com esta que se pode dialogar, comunicar e se fazer entender para os seus alunos. Conforme o que observo entre os professores, os problemas com a voz são decorrentes da falta de informação quanto aos hábitos de saúde vocal e práticas para emitir mensagens sem esforço vocal.

Scalco, Pimentel e Pilz (1996), realizaram uma pesquisa em oito escolas particulares de Porto Alegre, para traçar o perfil vocal de professores de 1 a 4 séries, e encontraram um índice de 46% de alterações vocais, sendo que todos os entrevistados, mesmo os que não possuíam alterações na qualidade da voz, apresentaram alguma queixa vocal.<sup>35</sup>

Mesmo não tendo encontrado pesquisas mais recentes para mostrar que este quadro de professores vocalmente doentes tenha mudado, percebo que neste tempo também não foram tomadas atitudes efetivas de prevenção. Lamento nas faculdades de pedagogia, letras e licenciaturas no geral não existirem cadeiras (matérias) que expliquem a anatomia e fisiologia da produção vocal e informassem

---

<sup>34</sup> FILHO, Clóvis Barros; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. *Comunicação do Eu – Ética e Solidão*. Petrópolis: Vozes, 2005. p.65.

<sup>35</sup> TEXTUAL. Revista do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Fundação Ecarta, v.3, n.4, p.15, Nov.2002.

dos cuidados necessários à voz que é a principal forma de transmissão das mensagens e manejos em sala de aula.

Ter o conhecimento e o domínio da produção vocal e saber da importância de certos cuidados para preservar a voz evitando abusos, hábitos e posturas inadequadas evitará o surgimento de problemas vocais nesta categoria.

Para uma voz ser considerada “normal” ou saudável, tem que ser clara e limpa, emitida numa intensidade adequada ao ambiente, produzida sem esforço ou cansaço ao falante, devendo também representá-lo quanto à idade e sexo.[...] O professor que mesmo sentindo sinais de cansaço vocal, continua lesionando e forçando a voz, sem tomar nenhum cuidado ou tratar o problema, acaba desgastando ainda mais a sua voz, chegando algumas vezes à afonia (perda da voz), o que pode levar à finalização precoce da carreira.<sup>36</sup>

Costumo explicar a questão da produção e aquecimento vocal comparando esta à um atleta de futebol, por exemplo. Quando um atleta chega no estádio para jogar a partida não vai direto ao campo e começa a jogar. Primeiro alonga, aquece, corre de um lado para o outro e somente depois de muitos minutos inicia a partida. Com a voz deveria acontecer a mesma coisa. O professor deveria no início do seu turno de trabalho realizar alongamentos corporais – até pelo fato de que na maioria das vezes não fica falando parado na mesma posição –, respirações longas (primeiramente para relaxamento e oxigenação cerebral e para que consiga produzir frases informativas longas de acordo com a quantidade de ar que pode armazenar em seus pulmões), vocalizes (emissão de sons vocais) para “ativar” as pregas vocais e fazer com que elas acostumem a vibrar de forma crescente e não estarem em estado de repouso em um momento e no seguinte terem que articular bruscamente.

A partida de um jogador dura em torno de uma até duas horas e para chegar a um bom estado físico para cada uma destas é necessário treinamento, cuidados corporais e também condições emocionais para encarar a partida. Um professor encara partidas de mais de duas horas, e por muitas vezes passa o dia todos falando. Como será que os professores conseguem preparar-se fisicamente e emocionalmente para encarar as “partidas” de sala de aula?

A voz do professor deve sim ser um fator importante de cuidado pois o desgaste da voz tende a ser lento e gradual. Os professores precisam estar atentos

---

<sup>36</sup> TEXTUAL, 2002. p.16.

à forma como está sua voz e ter atenção aos hábitos de saúde vocal (beber muita água), alimentação (evitar comidas muito pesadas e gorduras) e aos fatores físicos e ambientais do local a ser trabalhado (se possui muitos ruídos externos e internos da sala e se está gripado não falar com forte intensidade), etc.

Os profissionais de música ou de musicoterapia possuem conhecimentos sobre a produção e cuidados vocais adquiridos na graduação. Na escola, estes profissionais poderiam ser aproveitados, para realizar treinamentos vocais antes do início das aulas para aquecer e preparar o corpo do professor para a atividade de fala. Além do treinamento com música para estimular a parte física poderá também contribuir para o relaxamento e preparação do estado emocional para iniciar as aulas.

Para os alunos, a volta às aulas é a chance de reencontrar amigos, conhecer gente nova e hora também de começar a se preocupar com as notas. Para os professores, o regresso ao trabalho não representa nada de novo. Os problemas dos 2,3 milhões de profissionais do ensino fundamental e médio do País são os mesmos de sempre. Na rede pública, são ameaçados de morte, desrespeitados e se defrontam com estupros, invasões, uso de armas, explosão de bombas, falta de material e prédios malcuidados. Na rede privada a vida é mais amena, mas isso não quer dizer que estejam livres de jornada em duas ou três escolas, acúmulo de trabalho, cobrança de alunos e pais mal educados.<sup>37</sup>

O professor estuda para sua área de formação, planeja, realiza atividades, corrige, avalia, dá atenção e carinho, soluciona problemas todo o tempo, explora sua criatividade para prender a atenção dos/as alunos/as frente a tantas ofertas da mídia, cuida de seus alunos. Mas quem é que cuida do professor dentro da escola? Quem realiza o papel de beneficiar o professor? Não é só do salário (e que na maioria das vezes nem é muito) que ele se sustenta. Deve alimentar, além do seu corpo, o seu espírito. E de forma ele pode se fortalecer dentro da escola?

A música não é importante apenas para os alunos e as alunas; é uma fonte de reabilitação também dos professores, pois de alguma forma ele pode desenvolver um trabalho para extravasar seus conflitos, seu estresse e se estruturar novamente para encarar novos desafios que a vida docente irá lhe trazer.

---

<sup>37</sup> APRENDIZ Guia de Empregos. *Mestres sem carinho*. Site da UOL. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/educadores/noticias/ge050802.htm>> Acesso em: 16 abr. 2011.

Cantando, criamos ordenações no espaço/tempo, projetamo-nos combinando notas, expressões do que sentimos e o que sabemos sobre o sentimento humano. Nossos sonhos, utopias e desventuras, são compartilhados. Através do canto, resgatamos a unidade, o território analógico, a intensidade do viver. Criando o nosso canto, interferimos na “sinfonia, expressando nossa experiência e espelhando o mundo.”<sup>38</sup>

Diversas escolas particulares e públicas do Vale do Rio do Sinos – Grande Porto Alegre/RS – já me convidaram para realizar atividades musicais e de musicoterapia preventiva com os professores destes estabelecimentos. Quando realizo práticas de roda, cantos, brincadeiras, jogos musicais com grupos de professores em escolas, com a finalidade de motivação para o trabalho, socialização e produções coletivas, percebo o quanto é necessário que todos tenham momentos de expressar os seus sentimentos, bons e ruins em relação ao trabalho. Os professores passam por situações muito profundas de estresse e precisam de alguma forma liberar esta energia que fica no seu corpo e na sua mente. A musicoterapia vem ao encontro destas liberações, pois trabalha muito com as emoções, com o corpo, com a voz, com a expressão. Se os professores não externam estas emoções acabam gerando cansaço, tristeza e, no futuro, outras doenças que podem vir a se tornar bastante graves.

### **3.2. Educação para a ação: musicoterapia estimuladora**

A aprendizagem é uma experiência de extrema importância. E o resultado da aprendizagem depende de um processo gradual, que vai se formando a cada conquista, juntamente com a maturidade. Dessa forma se organiza a personalidade da criança, aumentando a sua auto-estima. Com o passar do tempo, a criança vai relacionando, renomeando e identificando os símbolos e assim encontra-se com as condições necessárias para se comunicar e se apropriar da linguagem.

O resultado do processo é a sensação de progresso gradual, de uma continuidade e amadurecimento. O sentimento de frustração e fracasso, causado

---

<sup>38</sup> FILHO, Luís Antônio Milecco. *É Preciso Cantar – Musicoterapia, Cantos e Canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001. p. 11.

pelo baixo rendimento pode proporcionar a total falta de motivação para a aprendizagem. Diante disto, a música aplicada com fins terapêuticos desempenha uma importante função: além de ajudar a criança a aprender, a música também é uma diversão. Ao mesmo tempo em que uma pessoa se dedica a aprender e a trabalhar, uma diversão pode realizar isto de uma forma agradável, prazerosa.

A investigação das potencialidades que podem ser desenvolvidas com o trabalho rítmico para a aquisição da linguagem mostra que é possível, através de treinamentos organizados com ritmo, facilitar a organização da linguagem falada:

[...]Habilidades temporais são importantes para a percepção do discurso, bem como para a fluência na leitura. Música e linguagem têm características semelhantes, desde os processos perceptuais aos comuns substratos neurais. Assim, experiências musicais podem proporcionar um efeito positivo sobre a linguagem e a alfabetização.<sup>39</sup>

Baseadas em processos fisiológicos, as técnicas de musicoterapia integram objetivos psicológicos, sociais e terapêuticos em uma experiência de aprendizagem significativa: as capacidades de coordenação motora grossa e fina, desenvolvidas através do movimento e da atividade musical que estimulam gradualmente a leitura e a grafia.

A análise seguinte se refere à estreita relação encontrada por pesquisadores entre as questões verbais e não-verbais, capacidade rítmica e de discriminação e capacidades vinculadas com a linguagem: fala, leitura e escrita.

O ritmo representa a base da linguagem, pois esta se constitui de sons organizados em um tempo. No momento em que a criança começa a falar, irá se adaptar à forma e estrutura do sistema lingüístico de sua cultura. Isto engloba múltiplos aspectos entrelaçados: hierarquias rítmicas e sintáticas, estruturas de entonação, acentos e, além disto, o ritmo e estilo de movimentos corporais.

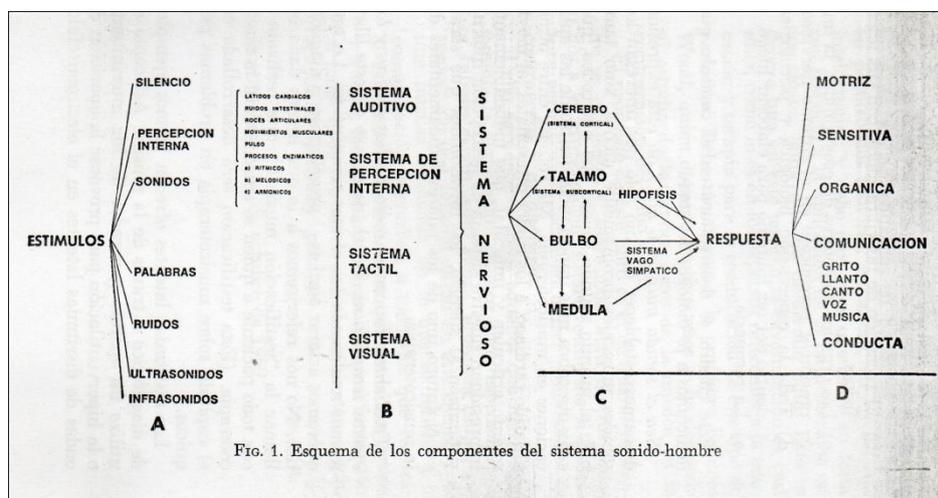
A forte associação entre ritmo e linguagem é devida à parte fundamental que desempenha o ritmo para que ocorra a linguagem. Comprova-se que ritmo e linguagem processam-se no mesmo hemisfério cerebral e desenvolvem-se através de uma seqüência.

No fazer musical, a criança usa sentidos da visão, do tato, da audição, da propriocepção do corpo em relação aos instrumentos e aos demais integrantes do

---

<sup>39</sup> PRODOSSIMO, Claudia das Chagas. Ritmo e Dificuldades de Aprendizagem: Possibilidades de Intervenção. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XII, n. 10, p. 131, jan/dez. 2010.

grupo bem como da sinestesia do movimento executado por ela com o prazer de produzir e expressar-se livremente.



40

A música como fonte de estímulos, equilíbrio e felicidade permite despertar a comunicação e a relação com o mundo; induz ações, comportamentos motores e gestuais. Através destes estímulos, a musicoterapia abrange principalmente as seguintes áreas: esquema corporal, lateralidade, relação espaço-tempo, percepção auditiva e cognição.

A criança que tem consciência do modo como seu corpo se situa no espaço, e percebe a distância e posição dos objetos em relação a si mesma, dominará bem seus movimentos, caso contrário, poderá apresentar dificuldades como coordenação motora.

Com a musicoterapia, busca-se levar a criança à consciência e percepção global do corpo, dominar o ato respiratório, explorar movimentos gestuais, perceber a simetria corporal. Com a sintonia do esquema corporal é possível o domínio da lateralidade e conhecimento do lado dominante, possibilitando que se situe no ambiente.

A musicoterapia trabalha para o desenvolvimento do espaço temporal, que é a noção de conceitos de direção, distância e capacidade de organização das relações no espaço e no tempo. O sujeito percebe as relações do seu corpo com os objetos, situa seu corpo no espaço e familiariza-se com os sentidos e direções.

<sup>40</sup> BENENZON, Rolando O. *Musicoterapia y Educacion*. Buenos Aires: Paidós, 1971. p.16.

O desenvolvimento da discriminação e memória auditiva facilita a comunicação, linguagem e aprendizagem, pois, quando se tem familiaridade com estímulos sonoros, a percepção de um sujeito ocorre com mais nitidez, obtendo, assim, uma melhor compreensão das futuras informações fornecidas.

Por fim, auxilia no desenvolvimento cognitivo, principalmente por ser o ritmo musical organizador do pensamento e, conseqüentemente, da cognição, assimilação, criação e memória.

Na educação, adquirir conhecimento e habilidades é o objetivo primário, enquanto na terapia é apenas um meio de alcançar a saúde. Portanto, a educação enfoca a aquisição de conhecimento e habilidades por seu próprio benefício, enquanto a terapia trabalha para abordar os déficits educacionais ou problemas de aprendizagem que afetam diretamente a saúde e o bem-estar da pessoa.<sup>41</sup>

A educação e a terapia são semelhantes, pois ambas ajudam a pessoa a adquirir conhecimento e habilidades. Porém, nem toda educação é terapia, e nem toda terapia é educação. É importante esta diferenciação, pois os objetivos adotados em cada uma das atividades será diferente. Em terapia, o foco não pode ser a educação e, na educação, o foco não pode ser a terapia com a música.

No passar das atividades é possível acontecer, de algumas atividades evocarem emoções e debates sobre diversos temas. Este momento serve de crescimento para o grupo de alunos. Por outro lado, Na terapia, o profissional deverá direcionar seu trabalho para orientação e para a busca de resolução de angustias e conflitos através da música. Mas ensinar música não é o objetivo.

### **3.3. Educação para a sensibilidade: musicoterapia e as áreas de expressão**

À escola cabe propiciar ao aluno o desenvolvimento de um conjunto de habilidades e competências que o preparem para viver em sociedade, enfrentando e resolvendo problemas e participando de forma democrática na vida numa sociedade. O produto deste trabalho dependerá, não somente do conteúdo das disciplinas

---

<sup>41</sup> BRUSCIA, 2000. p.184.

escolares, mas, principalmente, da forma como serão conduzidos os ensinamentos pelo grupo escolar.

Nos termos do Art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil no. 9.394/96, temos os seguintes objetivos do Ensino Fundamental:

1. O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.
2. A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.
3. O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.
4. O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social; e
5. O domínio de competências e habilidades que levem à consciência da cidadania e facilitem a melhor inserção do educando no ambiente social.

Todos os itens acima podem ser trabalhados com atividades musicoterápicas, auxiliando estudantes que demonstram dificuldades para desenvolver estas habilidades a atingir estes objetivos, em especial os itens 3, 4 e 5 que se direcionam para questões de valores, formação de atitudes, postura e a adaptação do sujeito para vida social. Neste ponto, fica bem clara a diferença de objetivos que se pretende atingir em uma aula de música e em uma sessão de musicoterapia.

Além dos objetivos musicais, o musicoterapeuta se dedica para a formação global do sujeito e não apenas para a estética e para conhecimentos musicais. O trabalho musical com fins terapêuticos pode tornar-se um meio facilitador para o alcance e resolução dos problemas existentes em sala de aula, justamente por ter como objetivo esta preocupação com as habilidades e competências já adquiridas, ou não, por cada discente.

A musicoterapia atua nas áreas de expressão com objetivo de ajudar no desenvolvimento da comunicação verbal e não-verbal; desenvolve a capacidade de pensar e expressar ideias; expande a capacidade de criação; favorece a sociabilização; ajuda, através das canções, a corrigir dificuldades de pronúncia das palavras e encadeamento de ideias.

Sendo uma linguagem não-verbal, a linguagem corporal é uma forma de expressar-se por gestos conforme a postura, comportamento físico, forma de andar, de vestir, de se higienizar, mostrando, assim, o estado emocional da pessoa, o que ela quer dizer e não consegue ou afirma o que já expôs em palavras. Ao tocar um

instrumento, o corpo traduz a intenção (consciente ou não) de expressar-se, dentro das limitações que um instrumento apresenta ou ainda mais expressivo será se o próprio corpo for o instrumento que produz o som.

A linguagem pré-verbal é uma forma primitiva de linguagem na qual a criança usa primeiramente da oralidade, sem formar palavras para exprimir uma intenção. A linguagem pré-verbal é de grande valia para a musicoterapia por expressar de forma espontânea sensações de humor, sinestésicas e proprioceptivas: uma comunicação entre os sujeitos da sessão que pode ser verbal ou não-verbal.

A diferença entre a linguagem verbal e não-verbal é que a primeira é mais racional e exige elaboração mental, enquanto a segunda é mais instintiva e possibilita a comunicação na musicoterapia.

Com a utilização destas linguagens, a criança estará desenvolvendo suas capacidades de uma forma mais instintiva do que regrada, o que estimula sua formação intelectual e de discernimento para expressar o que necessita. A criança precisa sentir vontade de se comunicar, caso contrário poderá ocorrer atraso de linguagem. A linguagem musical é um inestimável benefício para formação, desenvolvimento e equilíbrio da personalidade, pois ajuda a criança a se comunicar de uma maneira ativa e reflexiva.

Quando ouvimos e aprendemos a ouvir as sonoridades dos outros, podemos entender melhor o outro e sua cultura e seu modo de vida. Da mesma forma, podemos entender melhor nosso próprio contexto sonorocultural num vaivém de reconhecimento e principalmente de respeito às diferenças culturais, religiosas e políticas. As músicas dos diferentes povos, além de nos encher de encantamento, ajudam a tornar-nos pessoas mais compreensivas e alargar nossos horizontes, características que estão sendo cada vez mais necessárias na formação de cidadãos do século 21.<sup>42</sup>

A expressão musical da criança poderá ser vivenciada por ela através da voz, da audição, da prática, do movimento e da utilização de material sonoro. Ela brinca com os sons, traduz o ritmo percebido por sons do seu ambiente.

Quando a criança canta ou está envolvida em papéis de interpretação sonora em coletividade, ou em qualquer outro tipo de atividade musical em grupo, sente-se integrada a esse grupo. Com as atividades musicais adquire a consciência

---

<sup>42</sup> EWALD, Werner. Sonoridade e Encantamento. *Revista Novo Olhar*. São Leopoldo, ano 7, p.17, jan/fev. 2009.

de que seus integrantes são igualmente importantes e compreende a necessidade de cooperação frente aos outros, torna-se ainda mais comunicativa, convive o tempo inteiro com regras de socialização, onde deve respeitar o tempo e a vontade do outro, ter disciplina, ouvir e interagir com o grupo.

O trabalho com a música na escola se torna assim uma forma de estimular a sensibilidade, pois faz a criança sentir-se especial quando ela começa a perceber sua melhor expressão através da música. Em outras palavras, a autoestima é valorizada. Na escola, a música possui um papel importante e prazeroso. É preciso que se possibilite esta expressão para estimular a sensibilidade.

### **3.4. Educação para a solidariedade: musicoterapia e relacionamento**

Por meio de atividades musicais a criança tem a possibilidade de expressar-se e de vivenciar o fazer criativo. Pode expressar-se corporalmente através da imitação, da linguagem verbal e não verbal, da vivência de ritmos, músicas, danças e movimentos.

As atividades desenvolvidas com música e com musicoterapia para crianças são bastante rítmicas e lúdicas. O ritmo é um elemento vital para o indivíduo; está associado à movimentação e ao desenvolvimento psicomotor da criança, é organizador, facilita a tarefa em conjunto e atua como vínculo de união.

O ritmo propicia estímulo e atividade, de forma que eles possam perceber e imitar a acentuação e a modulação da música e da linguagem. Ao mesmo tempo, mantém a atenção e a concentração. Isso cria a oportunidade de vivenciar ritmos e músicas, enquanto, simultaneamente, se exercitam através de movimentos, dramatização, brincadeira e dança, em conjunto com a fala e o canto.<sup>43</sup>

O lúdico é necessário para a criança, pois através de brincadeiras ela realiza a construção do simbólico, estimula a linguagem, explora o mundo físico, se socializa e pelo brincar seu desenvolvimento sócio afetivo vai se construindo. Para

---

<sup>43</sup> LÒPEZ, Anna Lúcia. A Influência das músicas infantis no desenvolvimento psicomotor da criança. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, p. 5-26. 1998.

os jovens as atividades lúdicas serve para construir a personalidade e também formar opiniões

Para Ducorneau<sup>44</sup>, é por meio do ritmo e do som que a música atinge a motricidade e a sensorialidade; e, por meio da melodia, atinge a afetividade. Para ele a inteligência e a afetividade são indissociáveis, assim como a linguagem e o corpo estão estritamente ligados. A percepção do corpo, do espaço vivido, faz desabrochar a linguagem. O esquema corporal e o espaço se estruturam graças à linguagem. Sendo assim, todas as experiências corporais são vivenciadas de forma intelectual e afetiva, onde toda a personalidade está envolvida.

Numa atividade de roda cantada, por exemplo, a criança deve respeitar o ritmo do outro, realizar a roda em harmonia, sem puxar de mais o colega de traz e não atrasar o da frente. Tem que esperar a sua vez de cantar sozinho e estar atento a este momento. Esta consciência por acertar no fazer musical vai se desenvolvendo aos poucos e se refletirá em outros momentos em que a criança precise demonstrar cuidado e atenção a outros colegas em outras situações do cotidiano. A prática musical propicia o desenvolvimento da sensibilização, da autodescoberta e do autoconhecimento, fornecendo desta forma elementos para uma melhor socialização e afetividade dos indivíduos.

Somos seres comunicativos por excelência. No encontro com os outros, descobrimos quem somos e nos compreendemos melhor, crescemos em humanidade, mudamos para melhor e nos tornamos fator de transformação da realidade em que vivemos. Isto significa, simplesmente, viver em “estado de graça”, com paixão pelas pessoas e pela vida.<sup>45</sup>

Através do contato com outras pessoas, a criança vai formar sua identidade e buscar formas de comportamento que lhe permitam agir de maneira mais integrada na sociedade em que vive. No trabalho musicoterapêutico em grupo, busca-se promover a autoestima, bem como a socialização pelo ambiente de compreensão, participação e cooperação que as atividades musicais podem proporcionar.

As atividades trabalhadas em grupo também favorecem a interação verbal, o diálogo, a participação, as manifestações críticas e as reivindicações da criança. O

---

<sup>44</sup> DUCORNEAU, Gerard. *Introdução à Musicoterapia*. A comunicação musical: seu papel e métodos em terapia e em reeducação. São Paulo: Manole, 1984. p.41.

<sup>45</sup> PESSINI, 2009. p.107.

grupo se constitui como um espelho e passa para o sujeito o modo como suas atitudes são compreendidas, recebidas e aceitas ou, do contrário, se estabelece uma situação de dificuldade na comunicação. Com o intuito de manter a clareza de comunicação é preciso que o sujeito seja capaz de expressar-se através de um pensamento articulado. Isto significa utilizar todos seus recursos, cognitivos, vocais e emocionais.

Na musicoterapia existe uma técnica de trabalho chamada improvisação. Nela, a pessoa demonstra as suas condições pessoais momentâneas. Trata-se de experimentar os limites da liberdade intrapessoal, interpessoal e transcendental, de tomada de consciência de si mesmo como uma totalidade que compreende a corporeidade, os processos psíquicos e a espiritualidade.

[...] para que este espaço sagrado da improvisação seja eficaz em seu propósito terapêutico, é necessário que o terapeuta ouça a música em sua forma plena, total, e ouça a música reconhecendo cada um de seus elementos: o ritmo – vinculado à experiência corporal e temporal; o som (harmonia ou sonoridades simultâneas) – espaço de sensação e emoção; melodia – linha da expressão de opiniões, idéias e posicionamentos; dinâmicas – forma de mudança; e forma – delimitação e resumo.<sup>46</sup>

Através da improvisação musical – fazer musical que requer espontaneidade, criatividade e expressão – os sujeitos são capazes de externar suas vontades, boas ou ruins. Um exemplo: em uma roda inicio a percussão em um pandeiro. Passo para a pessoa do lado até que todos da roda experimentem. Podemos observar aí a personalidade de cada criança e estimulá-la à experimentação. Percebemos aí quem tem medo, quem consegue segurar o instrumento, quem bate muito forte ou muito fraco, os que querem tocar muito tempo e não passa para o do lado, ou aquele que tem medo de tocar, o que se assusta com o barulho ou de repente deixa cair no chão. Cada uma destas ações pode ser cuidadosamente analisada e com o passar das repetições das atividades, mudando de instrumentos quem sabe, poder ocorrer uma evolução nas respostas a essa atividade.

A improvisação comporta uma atitude de escuta e também uma atitude de expressão pelos sons. Essa elaboração ocorre, sobretudo, de forma afetiva, ou seja, as emoções interiorizadas são expressas através da música que e

---

<sup>46</sup> KRATOCHVIL, Ruth. Espiritualidade e Arte: Musicoterapia. In NOÉ, Sidnei Vilmar. *Espiritualidade e Saúde – Da cura d'almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 34.

criada (toca o que sente). Ao mesmo tempo em que é executada e ouvida, essa música entra em ressonância com as emoções que lhe deram origem e a comunicação se processa numa expressão sonora, sem palavras.<sup>47</sup>

Quando se realiza este processo, o resultado é a afirmação da identidade e da personalidade de cada um. Isso vincula e conforta o grupo, fazendo com que cada um tenha direitos (de tocar e improvisar), cuidados (em não tocar muito forte e não prejudicar a audição dos colegas e paralelo a isso cuidar do instrumento) e também respeito (cada um possui a sua vez, ninguém pode passar na frente nem ficar muito mais tempo que os outros). O orientador deve saber como lidar com estes momentos de fazer musical para obter ganhos positivos ao realizar esta atividade. O resultado esperado é que ocorra um melhor convívio e interação, não só no momento da atividade, mas que isso se dê também dentro da sala de aula.

O que pode ocorrer no desenvolvimento posterior em tal atividade improvisada é que a criança, ao superar frustrações devido às inúmeras possibilidades de organização que serão vivenciadas, começa a ter prazer e ver sentido em se ajustar ao adulto na criação de novas regras de pontuação e no desenvolvimento de novas perspectivas na organização do material musical. Sabemos, a partir da musicoterapia, que um longo período de improvisação pode vir a seguir, e que essa improvisação pode ser percebida como uma busca nas possibilidades de organização.<sup>48</sup>

Quando se trabalha musicoterapeuticamente com improvisação é necessário ter consciência do trabalho a ser realizado com os elementos que surgirão no âmbito do ritmo, da melodia, do som, das dinâmicas e da forma. É através destas respostas que o musicoterapeuta vai propor reflexões e recriar os sons de forma organizada e com normas a serem combinadas com o restante do grupo, onde todos tenham objetivos de agregar e construir uma boa sonoridade. Aquilo que estiver fora das normas e regras estará sendo percebido pelo organizador e pelo restante do grupo. É importante que todos trabalhem na criação de sons, mas sem perder padrões pré-estabelecidos.

O controle corporal está diretamente ligado à organização das atitudes de respeito e autocontrole. Assim, na atividade musical/vocal em grupo, se coloca a possibilidade de experimentar uma postura onde cada um sente-se parte importante do grupo e, simultaneamente, cada um compreende e permite que o outro se

---

<sup>47</sup> COSTA E LEÃO, Kristiane M e Eliane. *A relação entre improvisação e apreciação musical*. Anais do IV Seminário Nacional de Pesquisa em Música UFG. Goiás: Editora da UFG, 2002, p.86.

<sup>48</sup> RUUD, Even. *Música e Saúde*. São Paulo: Summus, 1991. p. 172.

expresse de maneira autônoma, sem invadir o seu espaço. Ao realizar uma atividade vocal em conjunto, todos os participantes estão sendo motivados a contribuir e a colaborar para, o melhor resultado, fato que vem em benefício da valorização individual, como seres autônomos e interdependentes, promovendo a sua autoestima com base na auto-realização que é, segundo Gastón, um dos princípios da musicoterapia.

Experiência na auto-realização: 1 – A musica possibilita auto-expressão 2 – A musica possibilita que deficientes demonstrem comportamentos compensatórios 3 – a musica oferece oportunidade de receber recompensas e castigos socialmente aceitáveis 4 – A musica possibilita elevar a auto-estima a- são possíveis experiências de êxito b- e possível se sentir necessário para os outros c- eleva a estima dos demais.<sup>49</sup>

A noção de limite é uma orientação fundamental que a criança deve ter quando está na escola. Os limites nesta idade são imprescindíveis, uma vez que a criança está experienciando o mundo e precisa descobrir até onde consegue ir e até onde a deixam ir. A música vem a ser um poderoso agente de limite, pois possui começo, meio e fim, fraseado melódico e ritmo organizado. Ao ser trabalhada através de atividades, a música não impõe, mas sugere uma organização para ser vivenciada, facilitando a aceitação e aproveitamento de seus conteúdos.

Assim utilizando-se a riqueza da música pode-se interagir com um paciente desde as maneiras mais simples até as mais complexas, através de sons vocais, corporais, da utilização de instrumentos e de letras, e assim contribuir para a modificação de situações, bem como para possibilitar o desenvolvimento do seu mundo.<sup>50</sup>

Na ação musical em grupo, cada criança tem possibilidade de interagir com outra. E à medida que vivencia esta capacidade, amadurece e ganha autonomia. O ato de tocar junto permite à criança sentir-se parte de um todo (o grupo). Ao mesmo tempo em que aprecia a o ato criativo de outras crianças, pode estar produzindo e assim dando sua contribuição para o grupo.

A interação em musicoterapia implica em um encontro ou diálogo musical entre terapeuta e paciente e/ou pacientes entre si e esta interação é de extrema importância no processo terapêutico. Ao interagir musicalmente com a criança, o

<sup>49</sup> GASTON, Thayer. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós: Buenos Aires, 1968. p. 15.

<sup>50</sup> BARCELLOS, L.R.M. *Caderno de Musicoterapia 2*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992. p. 11.

terapeuta tem a possibilidade de provocar mudanças na percepção que esta tem da realidade, através de um objeto intermediário e de um objeto integrador.

O objeto integrador é o instrumento de comunicação terapêutica, que envolve a relação vincular de mais de duas pessoas entre si. É o instrumento que favorece a integração vincular de um determinado grupo.<sup>51</sup>

Segundo Benenzon, o objeto intermediário, junto com o ISO, que é a identidade sonora do indivíduo, é capaz de criar canais de comunicação intrapsíquicos ou de influenciar aqueles que se encontram rígidos ou estereotipados. Já o objeto integrador é o instrumento de comunicação terapêutica que envolve a relação vincular de um grupo, com suas relações de manejo durante as atividades e desempenho da liderança. Em um momento a criança deve se destacar e em outro ela deve deixar que outro faça isto. Ambos terão oportunidades, mas devem saber o momento e a atitude correta a ser desempenhada.

“Canto uma canção bonita,  
Falando da vida, em 'Ré maior'.  
Canto uma canção daquela  
De filosofia,  
Do mundo bem melhor.  
Canto uma canção que agüente  
Essa paulada, e a gente  
Bate o pé no chão.  
Canto uma canção daquela  
Pula da janela  
Bate o pé no chão.  
Sem o compromisso estreito  
De falar perfeito,  
Coerente ou não.  
Sem o verso estilizado,  
O verso emocionado  
Bate o pé no chão...”<sup>52</sup>

A afetividade é trabalhada através do vínculo proporcionado pela música, que é uma arte de natureza abstrata carregada de significados e emoções. A afetividade da criança representa um foco considerável em musicoterapia, visto que ela demonstra com sinceridade o que sente e reage, de forma positiva ou negativa, prontamente aos estímulos percebidos e às intervenções feitas pelo musicoterapeuta. Tudo que ela aceita, ou não, passa pela sua apreciação, que é

<sup>51</sup> BENENZON, Rolando. *Teoria da musicoterapia* – contribuição ao conhecimento do contexto não verbal. São Paulo: Summus, 1988. p.58.

<sup>52</sup> MONTENEGRO, Oswaldo. *Intuição*. Álbum: Canto uma canção bonita. Gravadora Sony, 1 disco sonoro, faixa 1, estéreo.

muito instável. Um vínculo bem cuidado é a garantia de uma relação terapêutica eficaz.

A afetividade é a dimensão relativa à energia, ao desejo (*eros*: vivo, desejo, amor), à paixão (*pathos*: sofrer, suportar, deixar-se levar), às emoções, ao interesse, à motivação, aos efeitos de mobilização que provocam em nós os valores assimilados ou emergentes. A ação humana, simbólica ou material, se caracteriza por ser motivada. [...] O querer, a afetividade, não só é energia como também interfere no funcionamento cognitivo (ex.: atenção deliberada, foco no objeto, liberação de representações mentais prévias do sujeito), além de quase sempre ser marcada por elementos simbólicos, por linguagem.<sup>53</sup>

Estes trabalhos com música pretendem proporcionar correlações positivas entre autoconhecimento e o desempenho acadêmico. Assim, pode-se dizer que conhecimentos e sentimentos positivos em relação a si próprio irão repercutir no bom funcionamento individual, na motivação e na forma como os indivíduos respondem às demandas da aprendizagem.

É necessário perceber as necessidades da nossa realidade escolar e apostar em melhorias para a qualidade da educação nas escolas.

Após ter refletido sobre as possíveis mudanças no que se refere a atitudes, conceitos e habilidades, no último capítulo, convido para uma reflexão de como alimentar nosso espírito através da música. Será ela uma fonte para contribuir com a nossa espiritualidade? Acredito que, através da arte, ainda temos condições de melhorar nossos hábitos em prol de sermos mais humanos e melhor nos relacionarmos no mundo em que vivemos.

---

<sup>53</sup> VASCONCELLOS, 2009. p.62.

## **4. MÚSICA, SENSIBILIDADE E ESPIRITUALIDADE: APONTAMENTOS PARA UM CURRÍCULO MUSICAL**

Nos capítulos anteriores foram apresentados os conceitos de música e musicoterapia bem como suas diferentes formas de aplicação. Na seqüência, um cenário sobre a realidade escolar, com enfoque nas principais dificuldades encontradas hoje na escola. No terceiro capítulo, estão relacionados os principais benefícios à saúde que a experiência musical pode proporcionar aqueles que dela participam.

Este capítulo tem por objetivo mostrar a importância do trabalho musical como fonte de equilíbrio para a realidade que encontramos hoje, através de um enfoque de revigorar e alimentar o espírito. Diante da nova legislação, que prevê o estudo de música nos diversos níveis da educação básica, segue uma análise da própria legislação, seguida de sugestão de conteúdos que deveriam estar citados na própria legislação. O acesso dos alunos à música, através da escola, deve remeter à responsabilidade de proporcionar vivências e conhecimento qualificado para todos.

### **4.1. A música como fonte de organização, criatividade e espiritualidade dos sujeitos**

Na prática escolar, observa-se a ausência de duas importantes fontes de impulso, de motivação: o desejo e a fé. Estes dois sentimentos, condicionantes para fornecer uma base de criatividade e de capacidade de improviso, são características que podem ser incentivadas de diversas formas, mas especialmente através da musicoterapia.

O ser humano, pulsionado pelo desejo, caracteriza-se pela sua provisoriade, pelo fato de não estar pronto. A ele é dada a possibilidade de fazer ou refazer a si próprio. Sua programação genética, por assim dizer, é deficiente em relação a outros animais que nascem programados para estabelecerem determinados tipos de relação e para reproduzirem sua vida (alimentação, habitação, etc.). Para homens e mulheres há muitas

possibilidades de serem humanos. Por isso a “educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade”<sup>54</sup>

A estimulação do desejo é fator ativador da aprendizagem e da criatividade na escola. Acredito na importância de desafios através dos quais os alunos se sintam provocados a conhecer, a investigar e a experienciar. Para que haja o desafio há também de existir alguém que o proponha e alguém que o queira desvendar. Na educação, não basta apenas estimular desejos. É importante propor desafios e a música se apresenta como um instrumento para esse exercício.

[...] A música produziria, assim, efeitos de amor, na medida em que instalaria um jogo com o sujeito que não é outro senão aquele que o fez nascer para o desejo, aquele que o constituiu como humano, pois no jogo entre a criança e a construção de sua alteridade, aquele que com ela se surpreende o faz desde que enxerga nessa criança até o que lhe faz falta. E a criança se vendo musa inspiradora daquela surpresa, comemora sua autonomia, seu nascimento como sujeito diante do outro. Ela se dá conta de que é alguém para seu outro.<sup>55</sup>

No âmbito musical, a pessoa que é instigada a realizar alguma atividade acaba por ser desafiada a acertar, a fazer parte de um grupo e a dar o melhor de si. Isso é um desafio, é excitante, pois após a realização há a reflexão sobre a obra realizada – se foi da melhor forma e o que se pode ser feito para aprimorá-la. Nenhum músico pensa em piorar a sua performance. Pode até mesmo manter o seu desempenho, mas em qualquer grupo, qualquer banda, qualquer coral, a busca natural é sempre pelo bom resultado, e cada vez melhor.

Nesse caso percebo que mesmo quem não gosta de música, se está numa situação de grupo, se esforçará para acertar, para fazer o melhor. Há implicitamente esse desafio de superação.

A finalidade da educação, portanto, não pode ser a mera transmissão de conhecimentos ou a preparação para um futuro distante e incerto. A educação visa em primeiro lugar ajudar as crianças a “redescobrir a alegria de viver que nós mesmos já perdemos” e que nos torna pessoas acomodadas, alienadas ou domesticadas. Há, em cada pessoa, um imenso potencial criativo que pode ser libertado. Basta acender à fomalha que faz entrar em ebulição o caldeirão mágico da criatividade”.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p.137.

<sup>55</sup> BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. *Pedagogia da Música*. Porto Alegre: Mediação, 2009. p.151.

<sup>56</sup> STRECK, 2005. p.138.

O professor que rege um grupo ou uma aula de música serve como agente formador do desafio e instrutor para condução de qualquer aprendizagem. Ele dará as direções do trabalho e orientará os participantes para uma boa configuração dos resultados. Porém, isso somente ocorrerá bem se este condutor possuir preparo teórico/prático de música, recursos, instrumentos, mas, o mais importante, e que serve para qualquer professor e orientador, possuir paixão pelo que faz e habilidades para efetuar o trabalho.

O ritmo faz parte da consciência motora e de dinâmicas. Ele é o elemento primeiro da experiência humana, envolvendo ações e induzindo movimentos. Os problemas do cotidiano vêm desestruturar o ritmo de vida saudável que buscamos. O estresse, superficialidade de afetos, dependências químicas, desestabilizam o nosso equilíbrio interior. O corpo fala: a postura corporal demonstra a forma de como lidamos e encaramos as situações. É necessário trabalhar o ritmo para obter esta ordem interna e, assim, uma melhor forma responder às necessidades de trabalho, de afeto e de humanização entre as pessoas.

“[...] Toda pessoa soa  
Toda pessoa boa  
Toda pessoa boa soa bem [...]”<sup>57</sup>

Cada pessoa possui uma voz própria bem como é capaz de criar sons corporais, demonstrando seu comportamento. É possível através dos sons re-experimentar sentidos, intensidades e dinâmicas. O som é uma comunicação que exprime a mensagem do mundo interior e o estado de espírito das pessoas.

A melodia representa a ordem do pensamento, a forma de passar opiniões e a importância da mensagem do locutor. É nela que se reconhece as opiniões. Quando uma pessoa exprime uma idéia se percebe o quanto ela está conectada com o texto e a intenção sobre a mensagem, e, assim, se dá a devida credibilidade ou não para a informação. Quando se repetem as melodias é sinal de que algo ali é muito importante e em terapia deve ser considerado. A improvisação da melodia, a recriação desta, também serve de meio para a mudança de atitude e comportamento. Reafirmar textos, mudando as intensidades vocais propiciam a coragem de mudar, de melhorar e progredir.

---

<sup>57</sup> GIL, Gilberto. O Som da Pessoa. Álbum Gil Luminoso. Gravadora: ano 1999. Selo Biscoito Fino, 1 disco sonoro, faixa 7, estéreo.

Segundo a pesquisadora Isabelle Frohne “Ao fazer música, o ser humano une, novamente, o mundo interior com o mundo exterior; fazendo música ele anula a dissociação e pode experimentar novamente o saber perdido da ‘religio’ (união).”<sup>58</sup> Trabalhar com a musicoterapia trará um equilíbrio, pois o fazer musical aflora sentimentos, sofrimentos e dificuldades que podem ser retrabalhadas para a melhora da realidade. O indivíduo vai externalizar desejos, expandir limites, experimentar seu corpo, reelaborar seus sentimentos e atitudes. Ter discernimento do corpo, de nossas ideias e de nossas potencialidades serve para o equilíbrio humano e este será a base para a expressão e elaboração da espiritualidade. Por si só, o ato de reestruturação física e mental é uma forma de aceitar e realizar a espiritualidade.

O elemento racional, embora necessário, não é suficiente para configurar a ação humana: quantas vezes o indivíduo sabe, mas não faz, não dá o devido valor àquele conhecimento. Falta o impulso, o investimento afetivo que vem deste complexo campo que envolve a afetividade, a emoção, o posicionamento valorativo, axiológico, o desejo, a necessidade. [...] Para haver a mudança, não bastam ideias novas. É preciso vinculá-las a novos afetos. A vontade pode ser compreendida como uma das interfaces entre o querer e a razão.<sup>59</sup>

Na realidade de hoje, as famílias não demonstram a mesma credibilidade em algum Deus e nem que esse realmente faz parte do cotidiano e da vida de cada membro ou que cada um deles é importante para esta família. A fé não é vista mais como suporte para as situações difíceis onde as pessoas se apegam à alguém (a um Deus, à um Santo, etc.) e através desta crença vislumbram a mudança. Mas o que está acontecendo? O que é a fé? Onde foi parar a esperança?

A fé exige apenas que se aceite completamente as possibilidades. Para perceber seus benefícios não é necessário fazer nada além disso. A fé é gratuita e está disponível para todas as pessoas, o tempo todo. Os benefícios a serem colhidos são os mesmos, seja a fé baseada em uma religião, na pesca ou na música. O importante é a profundidade na aceitação.<sup>60</sup>

A fé pode ter impacto na vida das pessoas especialmente quando são afetadas por problemas de saúde. No momento de doença a pessoa passa pela

<sup>58</sup> FROHNE, Isabelle. In DECKER-VOIGT, Hans-Helmut. *Aus der Seele gespielt: Eine Einführung in die Musiktherapie*. München: Goldmann Ratgeber, 1991. p.17.

<sup>59</sup> VASCONCELLOS, 2009. p.62.

<sup>60</sup> WILLIAMS, Robin. *Patch Adams – O Amor é Contagioso*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. p.20.

experiência de entrega, fazendo com que se sinta mais confortada ao rezar, orar e suplicar uma melhora.

A fé é imaginação na medida em que compõe uma imagem sentida de um ambiente último. Criamos imagens a partir de nossas experiências de relacionamento nos contextos factuais de nossa vida. Participamos de, formamos e transformamos nossos relacionamentos factuais em reciprocidade com o pano de fundo transcendente de sentido e poder em relação ao qual damos sentido à nossa vida. Conforme esse relacionamento recíproco entre ambiente último imaginado e a vida diária sugere, a vida imaginadora da fé é dinâmica e muda constantemente.<sup>61</sup>

De acordo com Fowler, passamos por estágios na fé que condizem com as etapas de desenvolvimento humano e com aquilo que é vivenciado em cada uma destas fases. Em outras palavras, significa que a fé muda de acordo com os contextos de nossa vida.

O termo espiritualidade remonta ao adjetivo *spiritualis*, tradução de pneumáticos (p.ex.: 1 Co 2.14-3.3), designando a forma de viver a partir da fé. [...] As formas com as quais a comunidade ou o Cristão individual expressa sua fé chamamos de espiritualidade. Ela é expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito. Espiritualidade, portanto inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão. Trata-se da vivência da fé na vida cotidiana.<sup>62</sup>

Além da fé, a espiritualidade de cada ser humano também pode estar desestruturada. A espiritualidade se caracteriza pelas formas de vivenciar a fé. As pessoas possuem diferentes maneiras de crer, agir e de demonstrar a sua fé e este “viver a fé” define a espiritualidade.

Em nossa vida espiritual, o controle da realidade refere-se principalmente ao modo com que trabalhamos, se somos complicados ou desconcentrados, instáveis e desanimados em nosso trabalho. Os erros que cometemos no nosso trabalho apontam para os erros em nossa alma. O comportamento complicado e desanimado demonstra que gastamos toda a energia para as necessidades da própria alma, não deixando restar mais nada para uma ação externa.<sup>63</sup>

No cotidiano, podemos observar estas formas de vivenciar a fé, de acordo com as reações que as pessoas possuem diante da vida, sejam estas boas ou ruins,

---

<sup>61</sup> FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p.40.

<sup>62</sup> BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. In *Estudos Teológicos*. Ano 43. Nº2. São Leopoldo, 2003. p.105-106.

<sup>63</sup> GRÜN, Anselm & DUFNER, Meinrad. *A Saúde como tarefa espiritual*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p.102.

como obstáculos, problemas, doenças e até mesmo questões de pouca relevância. Devido à pouca atuação das pessoas com o cuidado de si mesmas acabam por transformar a sua vida em morte, pois estão enterrando capacidades, deixando seu corpo físico e mental desestruturado. Sem o equilíbrio, sem o cuidado com o corpo e com o espírito, não é possível ser plenamente feliz.

Espírito é o ser humano na sua totalidade enquanto ser que pensa, que decide, que tem identidade, que tem subjetividade, é sujeito. [...] Se espiritualidade vem do espírito da criatividade, da invenção, então não tem nada haver com o que está recolhido à paz artificial, inventada. Espírito é vida e o que se opõe a essa vida e a esse espírito é a morte. Tudo que produz vida, expande vida, defende a vida, se organiza m função da vida, é espiritualidade.<sup>64</sup>

A música em sala de aula pode ser um alimento para o espírito, pois ela promove as relações sociais e faz com que habilidades sejam desenvolvidas.

A música traz uma atmosfera positiva e relaxante para muitas salas de aulas, além de permitir a integração sensorial necessária à memória de longo prazo. Ela também serve de fundo em algumas salas de aulas para mascarar sons industriais ou de trânsito e pode ser usada com sucesso para instilar entusiasmo, aliviar o estresse antes de provas e reforçar a apreensão de matérias. [...] Pesquisadores também constataram que a música aumenta a criatividade, melhora a autoestima dos alunos, desenvolve habilidades sociais, eleva o desenvolvimento de habilidades perceptivas motoras e o desenvolvimento psicomotor.<sup>65</sup>

A música também faz com que as pessoas se libertem de suas defesas e se deixem levar pela emoção. Quando sintonizamos uma melodia, isto é, quando uma música nos chama atenção, nossa emoção aflora. Aos poucos passamos a vibrar numa frequência. A vibração nos solta e relaxa, fazendo ampliar nossa sensibilidade e permitindo, desta forma, ampliarmos nossa percepção. Assim é possível afirmar que uma boa música pode, sim, transformar e motivar as pessoas para o estudo e para ampliarem socialização.

A importância de abordar a apreciação musical pela via da emoção é que, através dela, também se pode usufruir uma experiência estética atingindo cinco características conforme Jennings(1998): estar atento; dar-se conta de formas como partes inter-realacionadas; perceber qualidades como o

---

<sup>64</sup> BETO, Frei & BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.76-77.

<sup>65</sup> CAMPBELL, Don. *O Efeito Mozart: explorando o poder da música para curar o corpo, fortalecer a mente e liberar a criatividade* / tradução por Nivaldo Montingelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p.193.

belo, diferente; enxergar a unidade que há em um conjunto; sentir uma gratidão intrínseca. Com essa abordagem, haveria valorização em casos como a curiosidade, a busca do envolvimento, a admiração, a inventividade e provavelmente uma posterior vontade de aprofundar-se nesse tipo de experiência. A possibilidade de significar a apreciação musical primeiramente através da emoção é uma porta de entrada para que muitas outras abordagens venham a acontecer posteriormente. Deve-se aos poucos, buscando uma crescente valorização da música como um campo de conhecimento a ser explorado e uma possibilidade do desenvolvimento do senso crítico.<sup>66</sup>

A sociedade da forma como está estruturada atualmente requer uma série de passos para obtenção do sucesso profissional e pessoal dos sujeitos. Com o ritmo musical é possível integrar os sujeitos e, através dele, estimular a capacidade de regularização temporal e promover o desenvolvimento da linguagem.

A percepção e reprodução rítmica dependem do envolvimento de diversas áreas cerebrais simultâneas, mas estudos já comprovaram a especialização hemisférica esquerda para o processamento rítmico. O fato de a capacidade rítmica estar espalhada por diversas áreas cerebrais provavelmente pode ser explicado em virtude da função rítmica, que é um fator temporal, ser um aspecto envolvido no processamento de diversas habilidades cognitivas, estando, portanto, mais espalhada no cérebro e mostrando maior capacidade de recuperação no caso de lesões cerebrais, já a harmonia, ao contrário, é uma qualidade apenas da audição, logo, mais delimitada. Além disso, lesões no córtex auditivo secundário do hemisfério esquerdo podem intervir intensamente na capacidade para reproduzir padrões métricos, ou seja, rítmicos e temporais. Em contrapartida as lesões no hemisfério esquerdo não prejudicam a habilidade rítmica no mesmo grau em que as lesões do hemisfério direito podem prejudicar as capacidades melódicas e harmônicas. Todos estes dados apontam para a importância da habilidade rítmica para a realização de atividades humanas, das mais estruturais, como o caminhar, às mais elaboradas e complexas, como a linguagem. Sua dominância esquerda pode ser um indicativo de uma relação existente entre o desenvolvimento do senso rítmico e o desenvolvimento da linguagem.<sup>67</sup>

O ritmo também é responsável pela ativação da memória de curto e longo prazos. Com isso, contribui de forma efetiva à compreensão de conceitos. O exercício rítmico contribui diretamente para a compreensão e assimilação dos conhecimentos em sala de aula.

Além de notar como o ritmo ajuda na memória, os pesquisadores constataram que a memória tem seu próprio ritmo biológico. Os processos da memória de curto prazo estão no pico pela manhã, ao passo que a armazenagem de longo prazo é melhor à tarde. [...] tocar um instrumento ou participar de um programa musical na escola (ou incorporar a música às atividades escolares em áreas como história ou ciências) tem,

---

<sup>66</sup> BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. 2009. p.53.

<sup>67</sup> PRODOSSIMO. 2010. p.128-129.

comprovadamente, efeitos positivos sobre o aprendizado, a motivação e o comportamento.<sup>68</sup>

O ser humano é naturalmente um ser social e, para a sua sobrevivência, necessita saber interagir coletivamente. O fazer musical em grupo acontece pelas ações coletivas das pessoas em prol de bens comuns.

O ensaio de uma grande banda ou orquestra necessitará de pessoas que entrem em comum acordo, regidas por uma ou mais opiniões, mas que se torne homogênea no resultado final. O processo de fazer música no grupo desperta nas pessoas a formação de cidadãos comprometidos com os seus semelhantes.

Essa vivência estimula o desenvolvimento de responsabilidades coletivas, o comprometimento, o cumprimento de tarefas, a assiduidade a ensaios e apresentações, o cuidado para com as coisas materiais e com relação ao grupo, onde todos trabalham em busca de objetivos comuns que despertam as noções mais básicas de direitos humanos e de cidadania.

Tanto na interpretação e produção de arranjos novos para músicas já conhecidas (recriação) quanto na composição e improvisação (criação), especialmente se a atividade for realizada em grupo, a tendência é de uma cooperação progressiva, levando ao descentramento nas trocas sociais realizadas no momento de coordenação de ações musicais, mesmo que os estados afetivos individuais permeiem estes processos. Em uma atividade de apreciação musical, pensamos que a subjetividade ganha um espaço ainda maior de aparição.<sup>69</sup>

As cantigas de roda e brincadeiras musicadas alimentam a imaginação e a fantasia e constituem nas relações do desenvolvimento humano a comunicação assim como valiosas trocas emocionais e afetivas. As relações subjetivas ganham um grande espaço no meio da educação musical, pois a música oferece a criança possibilidades de se identificar com os seus personagens e vivê-los do seu interior.

O que está em jogo nas atividades de educação musical não são somente as significações que o compositor deseja transmitir, mas também a expressão de subjetividade de cada indivíduo que interpreta e que aprecia determinada obra. [...] Ao agir sobre o material sonoro em forma musical, as coordenações de ações são construídas pelo sujeito, não apartir de ações observáveis e particulares, nem apartir dos observáveis dos objetos, mas sim, em nível mental, a partir das relações conscientes ou inconscientes que realiza entre os eventos.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> CAMPBELL, 2001. p.191.

<sup>69</sup> BEYER, 2009. p.145.

<sup>70</sup> \_\_\_\_\_. p.106-107.

Além de conhecimentos de história, comportamento, e tantos outros que, por diversos vieses, a música nos proporciona, o estudo e a prática da música podem seguramente contribuir para tornar o ambiente escolar mais agradável. E, mais do que isso, a música pode alavancar uma importante mudança de comportamento, a partir do fortalecimento da autoestima de cada indivíduo, que juntos, poderão, então, fazer a grande transformação: devolver à escola seu lugar de referência de espaço de crescimento, aprendizado e de convívio social digno, com uma ampla gama de oportunidades e de afeto.

Os efeitos emocionais que a música causa nos indivíduos, a fantasia inerente e os benefícios da brincadeira musical sem dúvida são temas interessantes que proporcionariam, com certeza, um novo trabalho de pesquisa. Contudo, é preciso pensar que a partir da nova lei brasileira a escola será o local e deverá ter um profissional qualificado para atuar como estimulador desta relação do brincar e do cantar e do fazer musical, propiciando a experiência de auto expressão musical e corporal para muitas crianças e jovens.

É importante conhecer o que a nova Lei propõe e traçar objetivos que auxiliem a uma unidade de formação e experimentação para as crianças de nosso país.

#### **4.2. Música se torna obrigatória na escola: pontos positivos e negativos**

A nova Lei Nacional nº 11.769<sup>71</sup>, publicada no Diário oficial da União no dia 18 de agosto de 2008, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Essa medida torna obrigatória, para todas as escolas públicas e particulares do Brasil, a inclusão, em seus currículos, do ensino de música em todos os níveis da educação básica.

A Educação Básica zela pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Através dela que se assegura a todos os brasileiros a formação comum

---

<sup>71</sup>SUBCHEFIA para Assuntos Jurídicos. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm) Acesso em 12 abril. 2011.

indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos futuros.

#### Um pouco de história...

O ensino de música nas escolas brasileiras iniciou-se no século 19. A aprendizagem era baseada nos elementos técnico-musicais e realizada, por exemplo, por meio do solfejo. No fim da década de 1930, no entanto, Antônio Sá Pereira e Liddy Chiaffarelli Mignone buscaram inovações. Sá Pereira defendia a aprendizagem pela própria experiência com a música; Chiaffarelli propunha jogos musicais e corporais e o uso de instrumentos de percussão. Naquela época, Heitor Villa-Lobos (1887-1959) ganhava destaque. Em 1927, três anos depois de conviver com o meio artístico parisiense, ele voltou ao país e apresentou, em São Paulo, um plano de educação musical. Em 1931, o maestro organizou uma concentração orfeônica chamada *Exortação Cívica*, com 12 mil vozes. Após dois anos, assumiu a direção da Superintendência de Educação Musical e Artística, quando a maioria de suas composições se voltou para a educação musical. Em 1932, o presidente Getúlio Vargas tornou obrigatório o ensino de canto nas escolas e criou o curso de pedagogia de música e canto. Em 1960, projeto de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro para a Universidade de Brasília (UnB) deu novo impulso ao ensino da música, com a valorização da experimentação. A idéia era preservar “a inocência criativa das crianças.” Duas décadas depois, a criação da Associação Brasileira de Educação Musical e da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Abrace) contribuiu para a formação de professores no ensino das linguagens artísticas em várias universidades. No ensino de música, a experiência direta e a criação são enfatizadas no processo pedagógico. Na década de 1990, o ensino de artes passou a contemplar as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e o olhar mais sistemático sobre outras culturas. O ensino passou a ter valores estéticos mais democráticos.<sup>72</sup>

Até o ano de 2010, a música é conteúdo optativo na rede de ensino. No ensino geral das artes, a escola pode oferecer artes visuais, música, teatro ou dança. Com a alteração da LDB, a música passa a ser o único conteúdo obrigatório, mas não exclusivo. Ou seja, as demais áreas artísticas também devem ser contempladas.

#### **Pontos positivos da lei**

A obrigatoriedade do ensino de música, vale destacar, se caracteriza como um ato democrático e numa ferramenta de inclusão social e cultural, pois crianças de todas as idades e classes sociais terão oportunidades iguais de acesso a esse conhecimento, até então limitado ao poder aquisitivo de cada indivíduo. Além disso,

---

<sup>72</sup>ENSINO de música será obrigatório. Brasil: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?id=11100&option=com\\_content&task=view](http://portal.mec.gov.br/index.php?id=11100&option=com_content&task=view). Acesso em: 15 de maio de 2011.

o ensino de música pode oferecer uma formação artística mais aprofundada, auxiliando na autodescoberta e realização daqueles que dele se beneficiam.

Na outra ponta, temos que considerar a ampliação do mercado de trabalho para os professores de música, que a partir de agora terão mais oportunidades de trabalho no regime assalariado.

**Pontos negativos:**

A aprovação da Lei 11.769, embora o grande impacto positivo que provocou na comunidade escolar, deixa em aberto algumas questões que merecem análise e reflexão. A nova política de educação não definiu, por exemplo, em quais séries da educação básica a música deverá estar incluída e com que frequência, ou seja, qual carga horária deve ser adotada.

Outro ponto que deve ser analisado está na possibilidade de que pessoas, sem formação específica na área, podem assumir essa disciplina. Dessa forma, basta demonstrar algum nível, não especificado, de conhecimento e experiência para estar habilitado a ministrar aulas de música nas escolas.

Se a reflexão sobre a prática constitui o questionamento desta mesma prática, de modo a despertar a problematização da situação a fim de operacionalizar soluções para uma atuação contextualizada, também não podemos esquecer que a reflexão não existe isolada, mas é resultado de um amplo processo de procura que se dá no constante questionamento entre o que se pensa (enquanto teoria que orienta uma determinada prática) e o que se faz.<sup>73</sup>

Para atuar na área docente é necessário ter conhecimentos práticos sim, contudo é necessário ter diálogos com outros profissionais da área e a busca por pesquisas que atualizem o professor mediante os fatos da atualidade. Na faculdade de música os futuros profissionais da música possuem disciplinas no currículo que mostram os conhecimentos teóricos e práticos realizando uma reflexão sobre estes. Acredito que somente com uma formação na área, ou seja, um curso que possibilite a formação de professores na área musical e pedagógica e através da atuação pela reflexão da teoria aplicada ao fazer prático é que o professor tem um melhor embasamento e condições para trabalhar com jovens de nossas escolas de hoje.

Por fim, não são mencionados na lei os recursos materiais que devem ser adquiridos para as aulas de música, bem como instrumentos, salas especiais, ou mesmo programas para computador.

---

<sup>73</sup> BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia, 2009. p.112.

A área da música vem acumulando conhecimentos e novas descobertas nos últimos anos, especialmente no Brasil. Pode brincar e criar através da música. Diferente do que era ministrado há décadas, hoje dispomos de um conhecimento rico em conteúdos, diversificado em recursos. Essa nova disciplina nas escolas abre espaço para a criação de salas apropriadas, recursos multimídia, e um universo de possibilidades. Diante dessa realidade, surge o questionamento sobre a importância de uma clara orientação curricular e uma melhor definição sobre a habilitação do professor de música.

### **4.3. Proposta de currículo musical para escolas**

O currículo musical deve oferecer uma formação integral de música para as crianças e a juventude. O ideal é articular a música com as outras dimensões da formação artística e estética.

Além das noções básicas de música, dos cantos cívicos nacionais e dos sons de instrumentos, os alunos devem aprender cantos, ritmos, danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos. É dessa forma que conhecerão a diversidade cultural do Brasil e nossa história musical; como ela se originou e como se tornou a música de hoje.

Como já foi abordado nos capítulos anteriores deste trabalho, a música contribui para a formação integral do indivíduo, reverencia os valores culturais, difunde o senso estético, promove a sociabilidade e a expressividade, introduz o sentido de parceria e cooperação, e auxilia o desenvolvimento motor, pois trabalha com a sincronia de movimentos. Todos estes elementos devem ser considerados como objetivos principais para todos os níveis.

A seguir, apresento, como sugestão, um plano de trabalho que compus, de acordo com minha experiência, ministrando aulas de música para todos os níveis da educação básica. O plano inclui conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas, bem como atividades que podem ser realizadas, visando possibilitar aos alunos desde a experimentação até a apropriação do conhecimento musical.

EDUCAÇÃO INFANTIL	A atividade musical deverá promover o prazer pelo fazer musical e ocorrer através de canções, jogos e atividades musicais a fim de proporcionar como enfoque principal:
	Estimulação gestual através de canções que relacionem movimentos corporais gestos e dos cinco sentidos.
	Estimulação da voz através de canções com gestual para desenvolver a linguagem falada, partes do corpo e animais.
	Desenvolver o convívio social em grupo.
	Reconhecimento de sons do ambiente em que vivem e reprodução dos mesmos
	Instrumentos musicais - Bandinha rítmica, limites do corpo e respeito ao espaço de cada aluno.
ENSINO FUNDAMENTAL	A atividade musical deverá promover o conhecimento musical e ocorrer através de experimentação, percepção e pesquisas musicais a fim de proporcionar:
	Apreciação de música folclórica e trabalhos rítmicos que auxiliem a iniciação da leitura e escrita da língua portuguesa
	Reconhecimento, apropriação e manuseio dos instrumentos de percussão
	A descoberta da orquestra – tudo sobre como é organizada uma orquestra, função do regente, sons de cada instrumento.
	Construção de instrumentos e a importância dos jogos rítmicos para organizar e estimular concentração
	Estudo de gêneros musicais e introdução à leitura musical rítmica e símbolos musicais
	Introdução ao ensino da flauta doce
	História da música oriental
	História da música ocidental
	Música Popular Brasileira
	A atividade musical deverá ser praticada com recursos

ENSINO MÉDIO	instrumentais e tecnológicos a fim de proporcionar:
	Práticas musicais que permitam aos educandos o conhecimento prático do fazer musical e considerações sobre música em suas famílias.
	Recursos de música e tecnologia para produção musical de áudio e vídeo.
	A influência da música na sociedade – aspectos que envolvem o conhecimento da identidade musical das famílias dos educandos.

Em todos os níveis, o ato de cantar a uma ou mais vozes, os cuidados com a voz dos cantores, brincadeiras de roda, danças circulares, audições, visitas em museus, a espetáculos diversos, a prática de instrumentos, são atividades que devem estar presentes desde a educação infantil ao ensino médio. Indo além, as atividades a serem trabalhadas em cada série devem ser somadas às das séries seguintes.

O ambiente pedagógico musical deve possibilitar sempre ações a partir da diversidade cultural em suas várias formas: através de discussões coletivas entre indivíduos, da interação entre os sujeitos e as músicas de várias etnias ou instrumentos diferentes, enfim, a riqueza do processo está justamente nesta interação diversificada.<sup>74</sup>

A aprendizagem musical precisa fazer sentido para o aluno. O ensino deve se dar a partir do contexto musical e da região na qual a escola está situada, não a partir de estruturas isoladas. À medida que ocorrem os níveis de ensino, as informações podem tomar graus mais apurados de conteúdo musical. Esta proposta prevê que os alunos tenham conhecimento integral sobre a história e evolução da música até os dias atuais, compreendendo, inclusive, o motivo da criação e do consumo das diferentes expressões musicais.

Além das atividades em sala de aula, é necessário oferecer oficinas de coral (grupos de canto) e instrumental (banda marcial ou conjuntos instrumentais). Isto é importante para que os alunos e alunas possam participar de momentos em grupo com pessoas que expressem maior vontade de realizar estas manifestações artísticas. Estes grupos poderão realizar apresentações de espetáculos musicais,

<sup>74</sup> BEYER, 2009. P.107

inclusive representando as instituições de ensino em eventos nos diversos locais da cidade, a fim de difundir a cultura em lugares que não possuem acesso a esta atividade.

O ser humano precisa ter condições de manter sua estrutura física e mental equilibradas. A música auxilia nesta conscientização de muitas formas e é uma ferramenta importante para conquista do bem estar e da recuperação das enfermidades, além de promover sempre as relações humanas.

Com base em todos os argumentos apresentados, considero que a música faz parte da vida e deve ser utilizada para promover mudanças de comportamento saudáveis, contribuindo diretamente na educação, de forma muito abrangente, se tornando fundamental para existência humana. Concluo este capítulo com uma música composta por Robert Schubert que transcreve o amor pela música, agradecendo por ela fazer tanto bem à vida daqueles que dela se alimentam.

Du holde Kunst, in wieviel grauen Stunden,	Ó graciosa arte, quantas vezes,
Wo mich des Lebens wilder Kreis umstrickt,	quando nas horas cinzas em que era sufocado
Hast du mein Herz zu warmer Lieb entzunden,	pelas tramas da vida,
Hast mich  : in eine beßre Welt entrückt!	tu abriste meu coração para o amor
Oft hat ein Seufzer, deiner Harf' entflossen,	me conduziste a um mundo melhor.
Ein süßer, heiliger Akkord von dir	Muitas vezes os suspiros tocaram a tua harpa
Den Himmel beßrer Zeiten mir erschlossen,	Soando de ti um doce e sagrado acorde
Du holde Kunst, ich danke dir dafür.	Abrindo para mim os céus de tempos melhores
	Ó graciosa arte, eu agrade a ti! <sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> SCHUBERT, Franz. *An Die Musik*. Disponível em: <http://www.cduniverse.com/search/xx/music/pid/6866762/a/An+Die+Musik.htm> Acesso em: 29 mai. 2011.

## CONCLUSÃO

A música indica os rumos que a sociedade vai trilhando. Música e sociedade, tanto quanto ciência e sociedade, não podem ser entendidas em disjunção. São potências definidas pela mesma Constituição moderna. “Se mudarmos a relação entre essas potências, alternamos imediatamente o sentido que é a ciência, e do que a sociedade pode fazer.” (Latour, 2001). Se mudarmos a relação entre essas potências, alternamos imediatamente o sentido do que é a música e do que a sociedade pode fazer.<sup>76</sup>

A inserção da disciplina de música na escola a partir de setembro de 2011 será um marco para a educação no Brasil. Através das pesquisas realizadas neste trabalho é possível ter uma dimensão do potencial da música quando aplicado com objetivos bem formados, atividades bem elaboradas e extensiva a toda comunidade escolar. O ensino musical hoje deve ocorrer nos espaços formais e não formais. A disseminação da música deve ser promovida a para que ocorra o crescimento cultural e social nas comunidades escolares

A atuação de um profissional da musicoterapia fazendo parte da assistência para os problemas da escola junto aos profissionais de orientação educacional como psicólogos, psicopedagogos, entre outros, pode vir a ser um outro canal de comunicação com a comunidade escolar para o ajuste dos problemas que a escola enfrenta. O professor de música com a formação de musicoterapia já irá ter uma visão maior de compreensão do ser humano, das habilidades a serem estimuladas, de recursos e dinâmicas que podem ser utilizadas com inclusão, estresse e com o cuidado ao atuar nas relações humanas entre professores, alunos e funcionários da escola. Ter um olhar crítico sobre a organização escolar, buscando a melhora desta em diversos aspectos, cuidando de alimentar as pessoas no sentido espiritual é uma missão importante que a escola deve se preocupar em fazer.

Através dos processos de musicoterapia estimulando o corpo, a organização, o equilíbrio, a paz interior, a fé e espiritualidade, a humanização em favor da vida é possível perceber que existem inúmeros benefícios que podem ser atingidos a partir da experiência musical e a partir dela poderá ocorrer uma mudança positiva de

---

<sup>76</sup> CHAGAS, Marly. *Musicoterapia - desafios entre a modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem*. Rio de Janeiro: Mauad; Bapera, 2008. p.60.

comportamentos por parte de todos os grupos que estão inseridos na escola: a classe de alunos, professores, familiares e funcionários.

Diante do conjunto de dificuldades da prática educativa, as vezes, da vontade de desistir. Mas não podemos! Temos de pensar em nossas crianças, em nossos alunos, antes de pensar no nosso ego ferido, magoado ou apressado, ressentido com a constatação de sua limitação, de sua não-onipotência, dos sonhos não realizados. Temos de ter uma visão histórica, nos fazer melhores, seres humanos melhores, ao invés de só ficar esperando ou cobrando isso dos outros.[...] <sup>77</sup>

Esta pesquisa levantou muitas curiosidades quanto às reações que cada um dos recursos e atividades musicais despertam nas pessoas. Além desta, penso que seria interessante acompanhar uma escola que tenha oportunidade de receber um musicoterapeuta que realize as atividades musicais em busca do equilíbrio das relações, ensino de música e estimulação das habilidades que a música pode proporcionar.

Com toda a certeza, lutar por mais dignidade na escola e por formas e recursos de educação no Brasil não é uma tarefa fácil. Entretanto, é preciso continuar buscando o equilíbrio e continuar tendo esperança de vivermos numa sociedade mais digna transformando o nosso mundo em um lugar mais justo e para todos nós e para os que ainda virão.

Encerro meu trabalho com um trecho da música Filho de Milton Nascimento que reforça o compromisso que temos um com os outros e com o mundo que vivemos.

[...]Toda vida existe pra iluminar o caminho de outras vidas que a gente encontrar  
Homem algum será deserto ou trilha  
Como não pode o rio negar o mar  
Seja lá em qualquer norte ou no sul  
Seja lá na Dinamarca ou aqui  
Sonho, sonho solidário faz crescer o amor diário  
Faz amigo em cada rua ou bar  
Vai  
Abre as portas do navio  
Beba o mar e beba o rio  
Viva a vida e viva o tempo  
De amar [...] <sup>78</sup>

<sup>77</sup> VASCONCELLOS, 2009. p.245.

<sup>78</sup> NASCIMENTO, Milton. *Filho*. CD A Arte de Milton Nascimento. Gravadora Universal, 1988. 1 disco sonoro, faixa 11, estéreo.

## REFERÊNCIAS

APRENDIZ Guia de Empregos. *Mestres sem carinho*. Site da UOL. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/educadores/noticias/ge050802.htm>> Acesso em: 16 abr. 2011.

ATAQUE contra crianças em Realengo lembra tragédia em Columbine. Site O Dia Online, Agência O Dia – todos os direitos reservados. Disponível em: <[http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2011/4/ataque\\_contra\\_crianças\\_em\\_realengo\\_lembra\\_tragedia\\_em\\_columbine\\_156197.html](http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2011/4/ataque_contra_crianças_em_realengo_lembra_tragedia_em_columbine_156197.html)>. Acesso em: 7 abr. 2011.

BARCELLOS, L.R.M. *Caderno de Musicoterapia 2*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BENENZON, Rolando O. *Musicoterapia y Educacion*. Buenos Aires: Paidós, 1971.

\_\_\_\_\_. Modelo musicoterapêutico de Benenzon. In TORO, Mariano Betés de. *Fundamentos de Musicoterapia*. Madrid: Morata, 2000.

\_\_\_\_\_. *Teoria da musicoterapia – contribuição ao conhecimento do contexto não verbal*. São Paulo: Summus, 1988.

BETO, Frei & BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. *Pedagogia da Música*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. In *Estudos Teológicos*. Ano 43. Nº2. São Leopoldo, 2003.

CAMPBELL, Don. *O Efeito Mozart: explorando o poder da música para curar o corpo, fortalecer a mente e liberar a criatividade / tradução por Nivaldo Montingelli Jr.* – Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CHAGAS, Marly. *Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem*. Rio de Janeiro: Mauad; Bapera, 2008.

Código de Ética da Profissão. *Capítulo II Das Responsabilidades do Profissional em Musicoterapia*. Disponível em: <<http://www.amtrj.com.br/codigo2.shtml>>. Acesso em: 14 de maio de 2011.

COELHO, Helena Wöhl. *Técnica vocal para coros*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

COSTA E LEÃO, Kristiane M e Eliane. *A relação entre improvisação e apreciação musical*. Anais do IV Seminário Nacional de Pesquisa em Música UFG. Goiás: Editora da UFG, 2002.

DAMÁSIO, António; DAMÁSIO, Hanna. O cérebro e a linguagem. *Revista Viver*

*Mente e Cérebro*. São Paulo: Duetto Editorial, ano XIII, n.143. p.42-49, 2004.

DICHTWALD, Ken. *Corpomente*. São Paulo: Summus, 1984.

DOCUMENTO Subsidiário à política de inclusão. Brasil: Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticadeinclusao.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

DUCORNEAU, Gerard. *Introdução à Musicoterapia*. A comunicação musical: seu papel e métodos em terapia e em reeducação. São Paulo: Manole, 1984.

DUNCAN, Zélia. *Saúde*, CD Novo Millennium. Gravadora Universal, 2002. 1 disco sonoro, faixa 18, estéreo.

ENSINO de música será obrigatório. Brasil: Ministério da Educação, 2008.

Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?id=11100&option=com\\_content&task=view](http://portal.mec.gov.br/index.php?id=11100&option=com_content&task=view)>.

Acesso em: 15 de maio de 2011.

EWALD, Werner. Sonoridade e Encantamento. *Revista Novo Olhar*. São Leopoldo, ano 7, p.17, jan/fev. 2009.

FILHO, Clóvis Barros; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. *Comunicação do Eu – Ética e Solidão*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GÊNESIS 1. In Bíblia Sagrada-Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

FILHO, Luís Antônio Milecco. *É Preciso Cantar – Musicoterapia, Cantos e Canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FROHNE, Isabelle. In DECKER-VOIGT, Hans-Helmut. *Aus der Seele gespielt: Eine Einführung in die Musiktherapie*. München: Goldmann Ratgeber, 1991.

GASTON, Thayer. *Tratado de musicoterapia*. Paidós: Buenos Aires, 1968.

GIL, Gilberto. O Som da Pessoa. Álbum Gil Luminoso. Gravadora: ano 1999. Selo Biscoito Fino, 1 disco sonoro, faixa 7, estéreo.

GRÜN, Anselm & DUFNER, Meinrad. *A Saúde como tarefa espiritual*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

JOURDAIN, Robert. *Música, cérebro e êxtase*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998, p.38.

KRATOCHVIL, Ruth. Espiritualidade e Arte: Musicoterapia. In NOÉ, Sidnei Vilmar. *Espiritualidade e Saúde – Da cura d'almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LA TAILLE, Yves de. *Indisciplina/disciplina: ética, moral e a ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LANGER in BLASCO, Serafina P. *Compendio de Musicoterapia*. v. 1. Barcelona: Biblioteca de Psicologia, 1999.

LENO, H. Lloyd. *Música – Seus Efeitos sobre o Homem. Parte I*. São Paulo: Revista Adventista, p.4, 1977.

LÓPEZ, Anna Lúcia. *A Influência das músicas infantis no desenvolvimento psicomotor da criança*. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, p. 5-26, 1998.

LOROÑO, Aitor. Biomúsica: el cambio y el equilibrio emocional a través de la música. In TORO, Mariano Betés de. *Fundamentos de Musicoterapia*. Madrid: Morata, 2000.

MITTLER, Peter. *Educação Inclusiva: Contextos Sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MONTENEGRO, Oswaldo. Intuição. Álbum: Canto uma canção bonita. Gravadora Sony, 1 disco sonoro, faixa 1, estéreo.

NASCIMENTO, Milton. *Filho*. CD A Arte de Milton Nascimento. Gravadora Universal, 1988. 1 disco sonoro, faixa 11, estéreo.

PEDRA, José Augusto & Fante, Cleo. *Bullying Escolar - Perguntas e Respostas*. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2008.

PEREIRA, Laercio Elias. *Educação: Brasil é 88º entre 128 países*. Disponível em: <<http://cev.org.br/comunidade/educacao/debate/educacao-brasil-88-entre-128-paises-unesco/>> Acesso em: 20 jan. 2010.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana. *Cuidar do Ser Humano: Ciência, ternura e ética*. São Paulo: Paulinas, 2009.

PRODOSSIMO, Claudia das Chagas. Ritmos e Dificuldades de Aprendizagem: Possibilidades de Intervenção. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XII, n. 10, p. 131, jan/dez. 2010.

RAUSCHER, Frances. *Depoimento sobre o livro: O Efeito Mozart*. Disponível em: <<http://www.skeptidic.com/brazil/mozart.html>>. Acesso em 26 fev. 2011.

RUUD, Even. *Música e Saúde*. São Paulo: Summus, 1991.

SANTOMAURO, Beatriz. *Violência Virtual*. *Revista Nova Escola*. São Paulo, ano XXV, n. 233, p.66, 2010.

SCHUBERT, Franz. *An Die Musik*. Disponível em: <<http://www.cduniverse.com/search/xx/music/pid/6866762/a/An+Die+Musik.htm>> Acesso em: 29 mai. 2011.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. *Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 29-41, 2007.

SHINTANI, Karinny; ARMOND, Leonardo; ROLIM, Vassily. *Dificuldades Escolares*. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp19.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullyng: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SUBCHEFIA para Assuntos Jurídicos. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm)> Acesso em 12 abril. 2011.

TEXTUAL. Revista do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Fundação Ecarta, v.3, n.4, p.15, Nov. 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Currículo: A Atividade Humana como Princípio Educativo*. São Paulo: Libertad, 2009.

VINHA, Telma Pileggi. Autoridade Autoritária. *Nova Escola*, São Paulo, n. 226, p.12, 2009.

WILLIAMS, Robin. *Patch Adams – O Amor é Contagioso*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

ZAGURY, Tania. *Limites sem trauma*. 33. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.